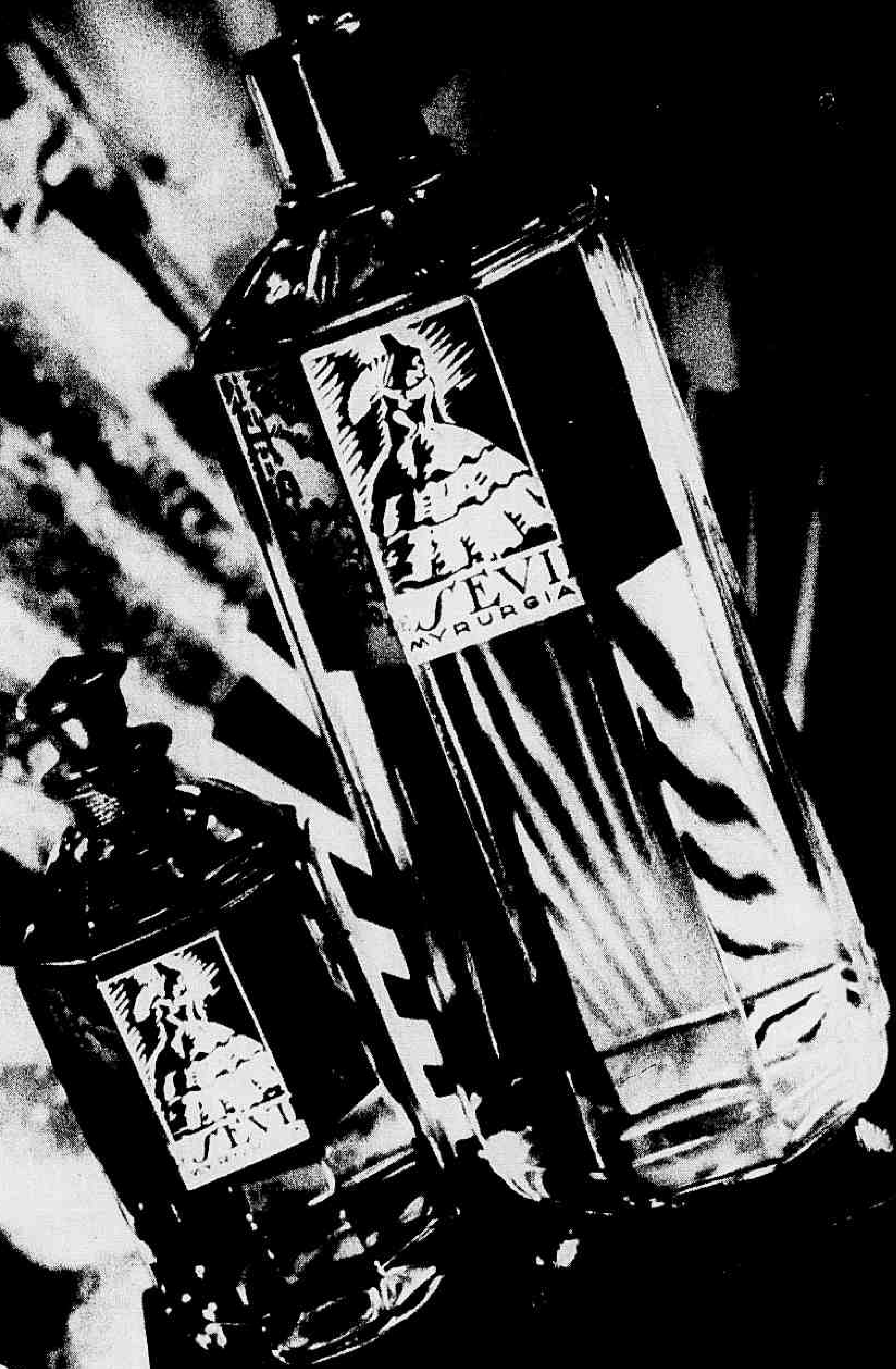
REVISTA DA SEMANA

N. 42 16-10-54 Cr$ 5,00 em



O SUICÍDIO DE VARGAS NAS MANCHETES DA EUROPA


EMBRUJO
DE SEVILLA
MYRURGIA
Um perfume
de grande classe
MYRURGIA

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 42 RIO DE JANEIRO 16/10/1954

SUMÁRIO

REPORTAGENS

E agora, Brasil? 4/9
O culpado foi John Carradine 12/15
Dizer versos não é papagaiar 20/22
Marisa Prado sem escalas 38/39
Dior é contra a Natureza 44/47
O suicídio de Vargas 48/49
O «Flat Look» não aperta ninguém 52/57

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro 10
Rádio 11
Música 16
Flash Paulista 18
Show 23
Por êsse mundo de Deus 24/25
Femininas 32/35
Semana Astrológica 36
Cinema 37
Literária 43
Palavras Cruzadas 46
Flash Carioca 47
Champanhota 51
Último Flash 58

LITERATURA

Bom dia, Marta Rocha 3
Pregão turístico do Recife 19
As 4 Marias do Pará 26
Maria (romance) 30/31

HUMORISMO

O riso dos outros 28/29
Cuco 59

CAPA

JANE POWELL (Kodacrome M. G. M.)

Redator Chefe .... Celestino Silveira
Paginação .... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor .... Gratuliano Brito
Desenho .... Alberto Lima
Assistente de Publicidade .... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores .... S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 60 páginas.

BOM DIA, MARTA ROCHA!

● Pois acontece que não a conheço em pessoa, nunca lhe fui apresentado, não estive no Galeão por ocasião do seu desembarque nem compareci a nenhuma dessas merecidas homenagens que você está recebendo, meu bem. Mas venho acompanhando com todo carinho o que lhe diz respeito, desde o seu magnífico triunfo anatômico e cheguei a uma conclusão: você está com tudo, só precisa de um bom conselho que não será dado por mim, mas por alguém aí de sua casa. Um conselho mais ou menos nestes têrmos:

— Menina, cuidado com o abismo — refiro-me ao abismo do ridículo em que não quero ver você mergulhar de cabeça, com essa bonita cabecinha loura que Deus lhe deu para enfeitiçar os norte-americanos, os brasileiros também, mas igualmente para pensar. Use-a então, querida, conte até dez antes de fazer declarações precipitadas e não esqueça que as entrevistas de improviso são perigosos alçapões quando falta presença de espírito e malícia para contornar certas perguntas venenosas. E os repórteres, êsses monstros da devassa humana, não querem outra coisa, querem é declarações que façam escândalo, meu bem.

Aquela sua indecisão em dizer se preferia candidatar-se pelo Distrito Federal ou pela Bahia, intercalada com a referência direta ao subsídio, por exemplo, não foi das mais felizes. Deu a entender que sua maior preocupação era saber qual das cadeiras lhe proporcionava maior soma em dinheiro, quando de coração acredito não ter sido essa a sua intenção. Não foi mas pareceu, o que dá na mesma para fins eleitorais. Veja que outros candidatos tiveram a cautela de proclamar a desistência do subsídio, «et pour cause», mas proclamaram...

● Ainda bem que você chegou tarde e não se candidatou. Aí então é que você, querida, ia perder o cartaz em dois tempos, cartaz que milhares de jovens invejaram para o resto da vida. Providencial foi o seu atraso em Pôrto Rico, abençoadas foram as festinhas que os porto-riquenhos lhe ofereceram, prestando a você inestimável serviço ao levá-la a esquecer o compromisso político. Se há esquecimento camarada, foi êsse: você chegou tarde, não se espôs à maledicência dos partidos contrários e pôde assim continuar a receber homenagens de gregos e troianos. Sei que você seria eleita, aqui ou na boa terra, mas acredite que essa vitória não teria as compensações da outra. Pois de mulheres políticas está o Brasil cheio, em todo o sentido da palavra: de mulheres belas, com repercussão internacional, é que andamos pobres e talvez delas advenha a salvação da pátria.

Quanto aos duzentos e cinqüenta e quatro pedidos de casamento — estará certa a conta, meu bem? — eis outro assunto delicado. Será que entre tantas propostas, não viu você nenhum bom partido? Querida, deixe falar a oposição, casar nestes dias inflacionários é ainda o melhor negócio para qualquer moça solteira. Até para as viúvas. Ter um responsável pelas contas do armazém e da costureira, cineminha garantido no fim da semana, férias em Cambuquira uma vez por ano e outras compensações, eis o supremo ideal do seu sexo, ainda quando as donas o neguem. E vem você, anjo, e regeita centenas de propostas matrimoniais dando de ombros! Pense ao menos até cinco, antes de regeitar a próxima, use essa cabecinha dourada...

Claro, ninguém vai querer que você aceite o primeiro pé rapado de Copacabana. Se muito nos desagradaria vê-la amarrada a um cara enfezado e ciumento, que a proibisse até de aparecer, bonitona e exuberante, numa buate em noite de aniversário da família — não menos triste seria daqui a tempos, quando o cartaz de «Miss Brasil» fôr superado, encontrá-la titia e apontada pelas invejosas de hoje:

— Está vendo? Ela foi quase «Miss Universo»... E nem casou!

Êsse o conselho que algum familiar precisa dar a você urgentemente, Marta. Enquanto é tempo.

E lembre-se que outras «Miss Brasil» virão.

CELESTINO SILVEIRA

BEM OU MAL, MUITA GENTE VOTOU!

O voto da sra. Lígia Figueiredo Vaz, viúva do major Rubem Florentino Vaz.



O sr. Osvaldo Aranha cumpriu o seu dever cívico.



A sra. Café Filho votou na capital da República.

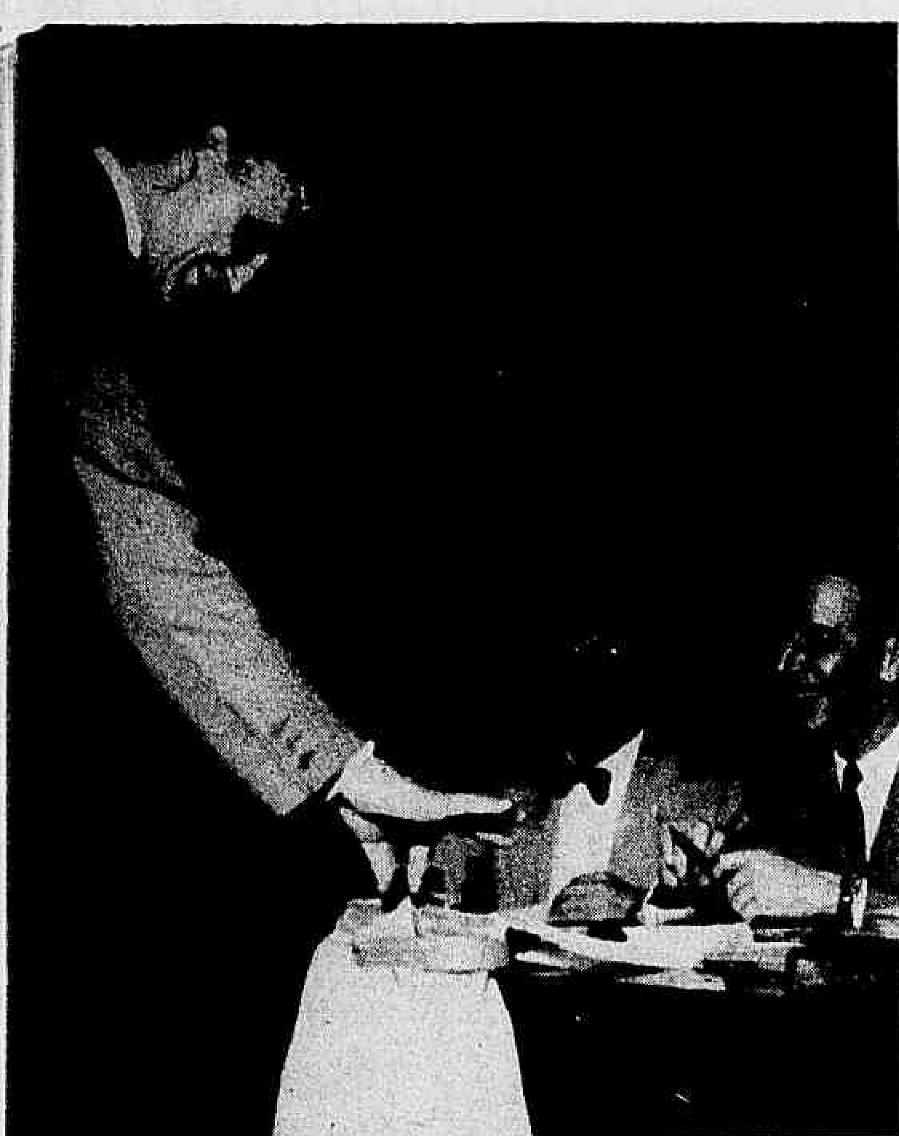
E AGORA BRASIL?



Pronto o envelope com as cédulas do general Canrobert.



O cardeal arcebispo d. Jaime Câmara fêz ato de presença.



Ministro Alencastro Guimarães



Ministro Seabra Fagundes



Ministro Teixeira Lott



Atriz Nelma Costa



Marechal Eurico Dutra



Maestro Eleazar de Carvalho



Índio, do Flamengo



Com sacrifício, êle compareceu.



Jornalista Carlos Lacerda

ELEIÇÕES

Domingo (3 de outubro) dia de pescaria para os candidatos. ★ A cidade não amanheceu cantando, mas rumando para o seu pôsto eleitoral. ★ Quando tem a palavra o cidadão Povo. ★ Dizendo "sim" a quantos lhe pediam o voto, na cabine indevassável é que êle se encontrou dono de si mesmo. ★ Tudo em paz, missão cumprida e almôço domingueiro reforçado. ★ Na segunda-feira, as primeiras euforias e decepções. ★ Daqui a um ano tem mais!

Fotos de A. FERREIRA e N. VIANNA



Enquanto espera a freguezia, procura saber as últimas do futebol.

UM índice expressivo e sadio do nível eminentemente democrático atingido pela família brasileira, traduziu-se no comparecimento às urnas de representantes de tôdas as classes. É evidente e incontestável a existência de uma noção de responsabilidade maior, na obrigação de cumprir êsse dever cívico, e a abstenção, a que aludiram os jornais, tem suas origens bem fáceis de apurar. Por um lado, devemos levar em conta a imprecisão do contrôle nas listas do eleitorado, em que figuram nomes de cidadãos desaparecidos no intervalo das duas últimas eleições; por outro, nada mais natural que ainda uma parcela, embora decrescente, de eleitores renuncie ao seu direito de voto, incrédulos e desiludidos. Êsses mesmos, porém, hão de modificar sua atitude nas eleições vindouras, em face da normalidade com que transcorreu o último pleito e assistindo à regeneração dos nossos costumes políticos. Desde os mais altos homens públicos da nação aos de condição mais humilde, de todos os níveis afluíram às urnas, representantes numerosos, e a presença do elemento feminino, em grande escala, vem atestar o espírito cívico da mulher brasileira aliado à sua consciência de um dever a cumprir, ao qual não se furtou, mesmo aquela que não tem obrigação taxativa de votar nem sofrerá, por deixar de exercer êsse direito ou dever, qualquer penalidade. Um atestado eloqüente nesse sentido foi o que nos deu o primeiro magistrado da Nação: enquanto o presidente João Café Filho rumava de avião com destino a Natal, a fim de ali cumprir o seu dever cívico, sua espôsa, dona Jandira, não o acompanhava e deixava-se ficar no Rio onde deveria votar. E onde votou às primeiras horas da tarde de domingo.

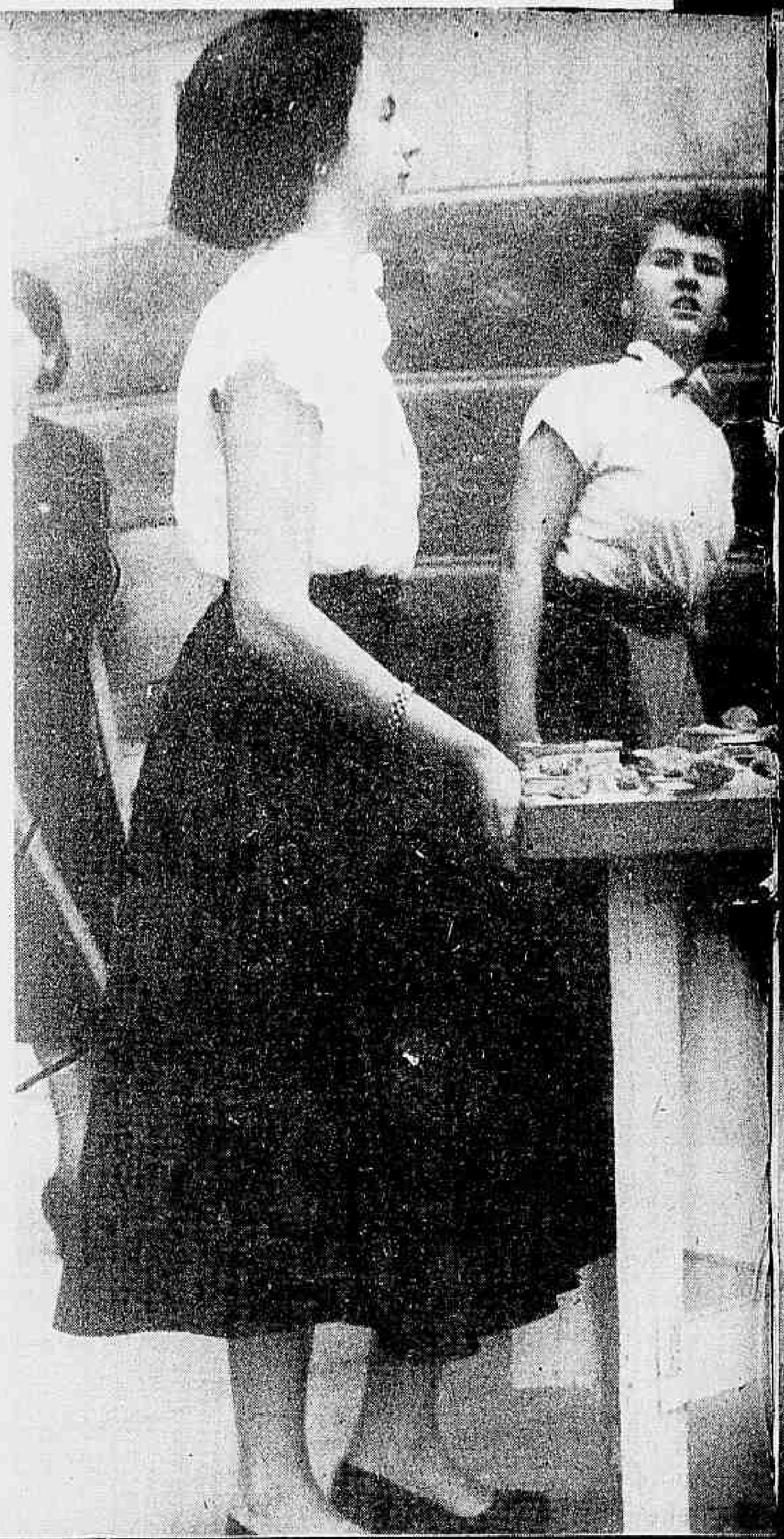


Iniciado o transporte das urnas, finda a apuração.



E a primeira urna vai ser aberta. Começam as surprêsas.





O espírito de cooperação merece um registro especial, principal

● Foi bem conduzida a propaganda dos candidatos às últimas eleições? Até certo ponto — sim. Convenhamos, porém, que houve muito exagêro e principalmente barulho, zoada, tralalá, martelando os ouvidos do indefeso eleitor, sem levar em conta que nem tôdas as vítimas dessa alucinante campanha oratória estavam habilitadas a comparecer às urnas. Psicològicamente, os candidatos (alguns) falaram demais, apregoaram em demasia as suas virtudes — e perderam alguns votos. Quem saturou os ouvidos de tanto barulho, acaba desesperado e votando em outro candidato que não lhe perturbasse o curso das idéias... Detalhe em que precisam meditar os candidatos vindouros.

O rádio prestou inestimáveis serviços, se bem que igualmente em excesso. Os bons programas saíam do ar prejudicados pela matéria paga dos candidatos mais abonados, enquanto os outros, de menores posses, faziam a propaganda mais silenciosa e menos dispendiosa. Alguns dos que mais gastaram, não conseguiram atingir o limite de cédulas para se elegerem.



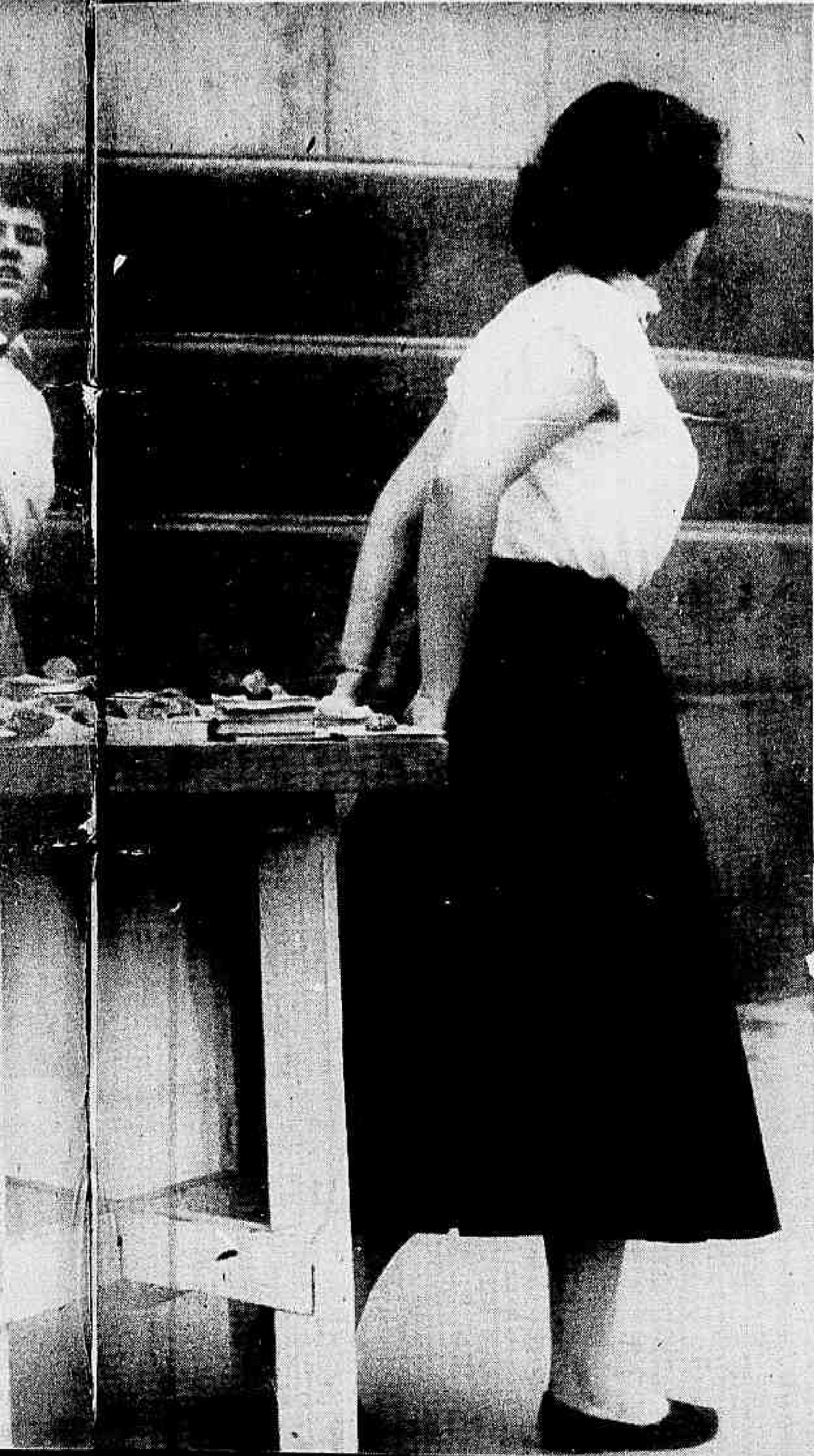
Cuidadosamente, o monge escolhe as cédulas e medita, porque se há um voto que não pode errar é o da igreja.



Alerta e de prontidão, as fôrças armadas garantiram a ordem. Felizmente ela não foi perturbada, tudo correu bem.



E as crianças procuravam cédulas dos preferidos de papai, embora algumas se destinassem a coleções de «figurinhas».





al mente a colaboração da mulher. Até os aleijados deram ajuda!

Digno de registro foi a colaboração do elemento feminino, dedicando o domingo à tarefa de votar ou de ajudar os seus preferidos e o seu partido. Pois nem por isso o «jantarado» atrasou e ninguém ficou sem comer. Gente de tôdas as categorias sociais trabalhou pesado nos postos eleitorais, com ou sem interêsses ligados diretamente a qualquer partido. Mesmo as crianças, os enfermos e os aleijados deram o seu tributo para que a marcha sôbre as urnas se fizesse em perfeita ordem e com tôda a eficiência possível, o que de resto foi obtido. Muitos estrangeiros que apreciavam com certo ar irônico o aspecto da cidade nos dias anteriores ao da votação, surpreenderam-se com o espírito disciplinado, ordeiro e cívico da população carioca, exemplo seguido em todos os Estados. A verdade é que o Brasil, com a sua aparente (e falsa, precipitada) aparência de bagunça, ainda proporciona magníficas lições de democracia e liberdade de pensamento aos outros países. Nem tudo está perdido quando um 3 de outubro transcorre nesse panorama de compreensão e dignidade de um povo que procura acertar.



Chegou a hora de recolher as bancas espalhadas pela cidade. Cédulas, agora, só dentro das urnas, para contagem.



Horas depois de terminada a votação, iniciava-se a limpeza da cidade e os rapazes da Limpeza Pública trabalharam...



A mesa de papèisinhos, o banco e o cartaz, recolhem-se até à próxima. Para o ano tem mais, se Deus quiser!



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Qual é o santo considerado padroeiro dos tipógrafos:
— **São Lucas?**
— **São Marcos?**
— **São João Evangelista?**

2—Em que época viveu Pitágoras:
— **1600?**
— **1600 A.C.?**
— **1800?**

3—Os hinos do Rig-Vêda a quem são atribuídos:
— **Kalidâsa?**
— **Omar Kayan?**
— **Vyâsa?**

4—Quem foi que dividiu as côres em prismas:
— **Newton?**
— **Darwin?**
— **Arquimedes?**

5—Pela extensão, qual a colocação do Brasil junto aos outros países do mundo:
— **Primeiro lugar?**
— **Segundo?**
— **Quarto?**

6—Qual era o rei denominado Sol:
— **Luís XIV?**
— **Henrique VIII?**
— **Luís XV?**

7—Onde se deu o eclipse de sol mais antigo de que se tem notícia:
— **Na Babilônia?**
— **Na Síria?**
— **No Egito?**

8—Qual dêsses poetas era cego:
— **Shakespeare?**
— **Dante?**
— **Milton?**

9—Quem, segundo a lenda, decapitou Medusa:
— **Ulisses?**
— **Perseu?**
— **Jasão?**

10—Quem foi Afonso de Albuquerque:
— **Navegador?**
— **Músico?**
— **Pintor?**

11—Quais os padres que fundaram as Missões para proteção dos índios no Sul do país:
— **Dominicanos?**
— **Franciscanos?**
— **Jesuítas?**

12—Quem é o autor da escultura denominada «Gladiador Moribundo»:
— **Rodin?**
— **Miguel Ângelo?**
— **Praxiteles?**

13—«Okayo» é a tradução de «bom dia» em que língua:
— **Japonês?**
— **Chinês?**
— **Javanês?**

14—De que animal se originou a dança tarantela?
— **Do pavão?**
— **Da serpente?**
— **Da aranha?**

14—Qual é a origem da dança guerreira denominada «Thopathopa»:
— **Hindu?**
— **Africana?**
— **Malaia?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 4: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — São João Evangelista; 2 — 1600 A.C.; 3 — Vyâsa; 4 — Newton; 5 — Quarto lugar; 6 — Luís XV; 7 — Babilônia; 8 — Milton; 9 — Perseu; 10 — Navegador; 11 — Jesuítas; 12 — Miguel Angelo; 13 — Japonês; 14 — Aranha Tarantula; 15 — Africana.

LEIAM

A CENA *Muda*

. **NOVA**

. **MODERNA**

. **DIFERENTE**

. **COLORIDA**

Em tôdas as bancas

OUTRA ESTRÊLA DALVA

MARIA HELENA DE AGUIAR

● O Clube da Chave reuniu os seus sócios, amigos e artistas, para o lançamento de mais uma cantora. Foi uma festa de muita gente, que começou com o pior desfile possível em uma noite carioca. O compositor Claudionor Cruz (esplêndido compositor) apresentou sua pequenina orquestra (pequenina e enganadora) e fêz desfilar seis valores da música popular. Era o que de pior se poderia encontrar em matéria de valores novos. Gente sem inclinação para nada que se possa chamar de artístico. Gente de uma timidez incorrigível diante do microfone e do público. Além disso, cantando mal. A festa ia ficando sem jeito, quando o compositor Paulo Soledade pediu 10 minutos de descanso, para organizar a entrada da sua «estrêla». E entrou uma moça bonitinha, de olhar ansioso, muito empenhada em ser simpática. Começou a cantar. Tem boa voz, é afinada e não atravessa o ritmo. Mas, falta-lhe uma coisa muito importante: personalidade. Muito simples. Bastava que, em vez de encarnar Angela Maria, cantasse com a sua própria garganta, o seu próprio sentimento. Estou certa de que essa moça (já contratada pelos discos Continental), com o tempo, encontrará sua verdadeira presença, num verso de canção que lhe tome, realmente, a sensibilidade. Seu nome é Dalva de Andrade e suas atuações, até hoje, têm sido limitadas à Orquestra de Zèzinho (Tupi), em bailes e «shows». Vamos, portanto, esperar da nova «estrêla» Dalva duas coisas da maior importância: personalidade e bom gôsto de repertório. Alguém terá que aparecer em sua vida, para dizer: «não cante isto e procure sentir, entender, viver, versos onde haja beleza, em vez de mediocridades». Que estas palavras sirvam à ascenção da «estrêla». É melhor dizer dessas franquezas, do que sair elogiando, elogiando, elogiando, até gastar o papel da crônica.

LATARI FOI EMBORA

O senhor Vitório Latari era das pessoas que mais entendiam do comércio de discos, no Brasil inteiro. Velho funcionário da RCA Victor, tornou-se famoso pela eficiência com que distribuía os suplementos daquela fábrica. Em qualquer obscura e distante cidade do interior, podia faltar açúcar, mas havia um disco Victor. Esta grande competência fêz com que os donos da Copacabana (discos) o levassem para seu diretor. Vitório Latari brilhou e, em pouco tempo, já vendia muitos milhares. Na madrugada do dia 27 (segunda-feira)), faleceu repentinamente em sua residência. Perdeu assim a fábrica Copacabana uma das grandes razões de seu êxito. Morre mais um que, ligado à música, saiu para outras canções que se escrevem, além de nós, depois de nós.

SANGUE NOVO



Sérgio Pôrto é o novo contratado da Rádio Mayrink Veiga.

A mais recente aquisição do rádio é o cronista Sérgio Pôrto. Seu aproveitamento foi um trabalho de conquista de Haroldo Barbosa, há muito preocupado em encontrar quem o ajudasse em seus programas humorísticos. Sérgio, pessoalmente, é engraçadíssimo e o autor de «Levertimentos» achou que sua verve renderia mais no rádio. De começo escreverá, a quatro mãos, com o seu descobridor, libertando-se a seguir, para a criação livre e o lançamento de outras idéias. Com a entrada de Sérgio Pôrto, ganhou o rádio uma inteligência a mais.

A 11ª ELEGANTE



Os colunistas do Rio não apontam Marlene entre as 10 alinhadas

Uma das mulheres mais elegantes do Rio é a cantora e atriz Marlene que, atualmente, está estrelando o «show» do Copacabana. Mas, é elegante porque nasceu assim ou, como diria um vendedor de automóveis, «por um defeito de fábrica». No entanto, jamais foi incluída entre as 10 senhoras anuais dos consagradores da nossa imprensa. Incluem sim, todos os anos, a senhora Leda Galliez (a que tira fotografias dizendo, invariàvelmente, a palavra «giz»), que já devia ter-se recolhido ao sossêgo do seu River Side. Marlene jamais entrará no grupo das 10 e, por isso, por nossa conta, passará a ser a 11ª.

NOTÍCIAS DAQUI

Linda Batista está excursionando e pretende ficar fora do rádio brasileiro durante três meses. ★ Vera Lúcia, que está cantando muito melhor, vai casar (dizem) com um dos componentes (Evaldo) do Trio Nagô. ★ Esplêndido, na Televisão, o programa de perguntas, comandado por Mário Brazini. O animador está excelente mas, em nosso entender, não devia dizer os anúncios. Com a mesma dignidade com que explica coisas tão sérias, não lhe fica bem dizer que um «paletó de cambraia de 1 239 cruzeiros está custando **apenas** 1.211». Outra coisa: por que o seu «summer-jacket»? Aquilo não é uma festa? Não é uma buate? Por que o «summer»? Sugestão: terno azul, para vestir a dignidade do senhor Mário Brazini, o melhor animador da TV Tupi. ★ Vai mal, muito mal, o programa domingueiro, «Show Regina». Entre outras novidades, apresentou domingo (26-9-54) Dilu Melo. E diga-se, de passagem, que era um dos melhores números. Pior foi o monólogo do homem azarado, que não tinha pé nem cabeça. Pior foi o homem do violão, cantando «Adeus, cinco letras que choram». Êsse programa ou melhora ou acaba de uma vez. Vai mal. Um «show» de TV não pode viver à base das atrações do empresário Silva Araújo, que mal servem para animar os cabarés do interior. ★ Aloísio de Oliveira, o simpaticíssimo Aloísio do Bando da Lua, continua no Rio, matando saudades. É visto sempre, em companhia dos seus melhores amigos: Haroldo Barbosa, Paulo Soledade e Sérgio Pôrto. ★ Caymmi, no programa «Nós os Gatos», lançou um novo samba, que se chama «Louco». Bonito. ★ Reinaldo Dias Leme está de malas prontas para embarcar. Vai rever os Estados Unidos e, segundo contou, não voltará nunca mais. Lá, casará com uma peruana, seu antigo e inesquecível amor de 1950. Juízo, rapaz. ★ O novo diretor da Rádio Mauá é o senhor Hélio Fernandes, jornalista que levantou «Manchete», em sua segunda fase. Na próxima semana, daremos uma nota mais digna da capacidade do senhor Hélio Fernandes. ★ Até hoje, não se fala ainda em quem será o novo diretor da Nacional, em substituição a Vítor Costa. Pleiteando, há vários radialistas, inclusive Rubens do Amaral.

ESTA LETRA É RUIM

● Se as letras que eu publico neste canto de página não são ruins, ruim sou eu, por inveja, mesquinhez ou implicância. Até hoje, apesar do esfôrço em servir à poesia de nossas canções, nenhuma providência se tomou para melhorar a canção popular. Não houve o diretor de fábrica que viesse nos trazer o apoio de sua compreensão; não houve a comissão de compositores que trouxesse acatamento e solidariedade. Apenas um, Ari Barroso, está disposto a melhorar o nível do samba. Mas, o senhor Ari Barroso não é letrista, é músico e sua primeira medida devia ser aliar-se outra vez a Luís Peixoto, que escreveu as letras mais bonitas dos seus sambas. E o barco vai navegando...

Hoje, vejam que beleza:

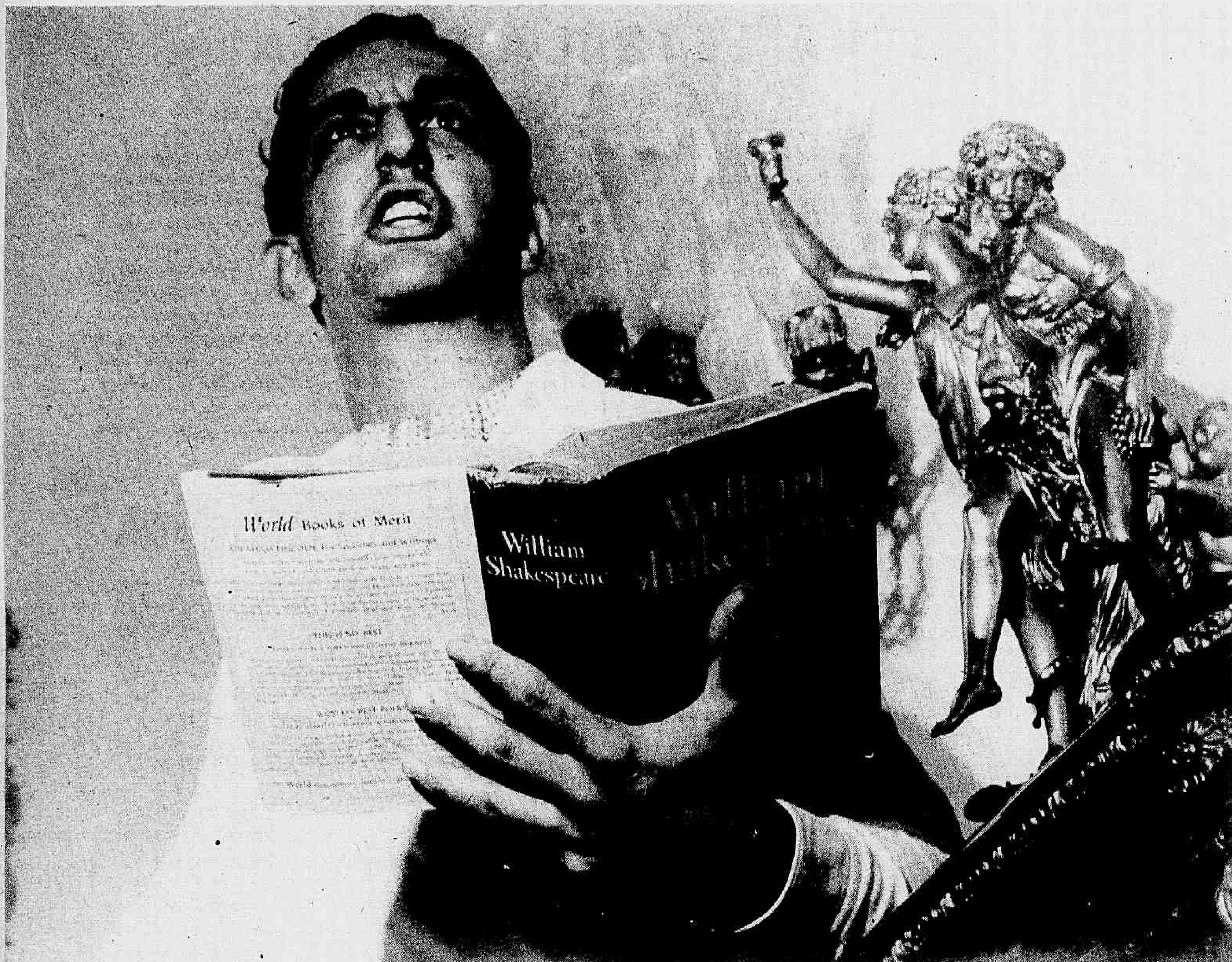
«MULHER CRUEL»

«Miragens do deserto a farfalhar
Sonhos e ilusões a pairar.
Condecorado eu fui pelo destino
Com a medalha do sofrer e do penar.
Oh tu, mulher cruel da minha vida!
Oh tu, impiedosa tão querida.
Deixaste o lar que era meu e que era teu
À procura de quem nada te deu

Por isso, mulher cruel
Vivo a chorar
No meu magoado samba
A té chamar
Minha porta está aberta a quem quiser
E quase que eu disse agora
O nome dessa mulher.»

O negócio, como diz o Zé Trindade (Mayrink Veiga), «é de lascar». Não é posível que o samba continue assim. É necessário que se crie, urgentemente, uma comissão de bom gôsto, sem a aprovação da qual, um samba não seria gravado.

SE HOUVE ROMANCE...



— A GLÓRIA PELA ARTE OU PELO AMOR DE SÔNIA? — «THAT IS THE QUESTION», COMO DIZIA O MEU DIVINO MESTRE...

"O CULPADO FOI JOHN CARRADINE"

E o brasileiro Eugênio Carlos, «terror das mulheres de Hollywood», conta a verdade, «tôda a verdade», sôbre o escândalo das acusações feitas pelo ator americano. ★ «Casar com Sônia? Quem sabe?» ★ «Serei tudo menos um destruidor de lares». ★ Mas a ambição maior de Eugênio Carlos é ser o maior intérprete moderno de Shakespeare. ★ Enquanto espera vai-se divertindo — e amando...

Reportagem de S. R. ANDRADE

JOHN me invejava por eu ser jovem, forte e representar Shakespeare tão bem quanto êle. E essa foi a causa de me haver acusado como sedutor da espôsa. — Foram as declarações de Eugênio Carlos ao iniciar a nossa conversa.

Queríamos saber como nasceu a amizade do jovem brasileiro com o casal americano.

Carlos meditou um pouco, limpou o suor que lhe cobria a testa e respondeu:

— E' melhor retratar a história desde o comêço, quando eu ainda estava no Brasil. Findo o curso ginasial, no Colégio São José, fiz o científico no Andrews. Por essa época, o teatro para mim já representava o que de mais sublime existe na vida. Ser um profundo conhecedor de Shakespeare era o meu grande sonho. Entrei então para o Duse, onde Pascoal Carlos Magno ainda mais aumentou a minha queda pela arte da declamação. Era amador, e, como fôsse necessário lutar pela vida, consegui um cargo de fiscal-legislativo do Senado Oficial. A arte, no entanto, era a minha grande atração. O desejo de vencer no palco, muito mais forte do que o de possuir uma boa colocação na vida. Decidi embarcar para os Estados Unidos a fim de melhor aprender a língua do dramaturgo que tanto admiro; queria também aumentar os meus conhecimentos na difícil arte de representar. Meu pai, como era de



EUGÉNIO CARLOS — UM TIPO LATINO DE GALÃ QUE PROVOCOU CIÚMES E OUTRAS COMPLICAÇÕES EM HOLLYWOOD.

EUGÊNIO CARLOS FILMOU E REPRESENTOU NOS EE. UU.







● Sem o escândalo provocado por John Carradine, a presença do ator brasileiro nos EE.UU. passaria em branca nuvem. Êsse escândalo proporcionou a Eugênio Carlos uma publicidade que, a ser paga, não custaria menos de meio milhão. Aqui o vemos fazendo teatro e cinema: De cima para baixo, à esquerda, em «O Retrato de Dorian Gray», com Lord Henry Watt; no filme «The Great Adventure», com Jerry Fairbanks, Edward Arnold e Jim Backus; em «Street Scene», como Lipo Florentin. — Ao alto, em «Macbeth», e em baixo, no papel de Corisco em «Outcast of Poker Flat».





esperar, pôs as mãos na cabeça quando soube da minha resolução. Mas eu estava decidido. Uns amigos, da família Lacerda de Menezes, proporcionaram-me uma linda despedida; uma festa no solar que possuem no Cosme Velho. Convidei a imprensa e todos os meus amigos, para lhes comunicar a boa nova. A mansão repleta de convidados ficou no meu pensamento e sua imagem só se foi dissipar quando me vi frente a frente com o prédio da Pasadena Playhouse, já em terras «yankees». A bagagem artística dos grandes «astros» do cinema saídos de Pasadena é a melhor. Lá estudaram Victor Mature, Gregory Peck, Eleanor Parker e muitos outros, que o celulóide já consagrou. Nada me animava tanto...

Cada vez mais entusiasmado, Eugênio Carlos ia relembrando os primeiros dias na Cidade do Cinema. Um disco long-play, última novidade, enchia de acordes o jardim de inverno do apartamento, dando-lhe um aspecto saudoso, para quem deixou há tão pouco tempo os Estados Unidos. Enquanto preparava o «cocktail», o moço pernambucano ia relatando a sua estada:

— Em Pasadena travei relações com personalidades do teatro e cinema americanos. Ainda não conhecia Sônia pessoalmente, o que só se deu quando da visita do fotógrafo Ávila à América. Aproveitando o ensejo de apresentá-lo à espôsa de John Carradine, a quem eu conhecia como mero espectador — com o fito de que ela posasse para um artista brasileiro, fui com êle ao principal teatro de Pasadena, onde Sônia aprecia tudo o que é latino, principalmente do Brasil. Não foi difícil conquistar a sua simpatia. Mulher de forte personalidade, encantadora mesmo, a «curvácea» (como a apelidaram os americanos, devido à sua plástica), chamou-me a atenção por várias razões. Convidei-a para uma festa a caráter que me ofereceria o Zé Carioca, na semana seguinte. Sônia foi o sucesso da recepção. Simples amizade existia então, nada mais...

★

Eugênio Carlos é realmente um tipo que atrai a mulher americana. Moreno, cabeleira negra, olhos emoldurados por grandes olheiras, aspecto comum do brasileiro, não é nenhum Rubirosa, mas que agrada, agrada... que o digam Bárbara (Miss Ohio), Simone Silva e outras garôtas espetaculares.

— Depois da festa do Zé Carioca — prosseguiu — fiquei várias semanas sem ver a Sônia, até quando um dia ela me telefonou, dizendo que havia comprado uma nova casa e fazia questão de me apresentar ao marido. Passei a freqüentar o solar dos Carradines três vêzes por semana, habitualmente. John, vendo que eu não era um «baby face» à cata de publicidade, e que possuía, na sua opinião, um grande valor, tornou-se um amigalhão, além de grande incentivador de meu talento. John via em mim o John Carradine de vinte anos atrás, quando o seu físico era ainda o ideal para viver os personagens de Shakespeare e quando a bebida ainda não lhe havia perturbado a mente. Por isso êle me idolatrava, elogiava-me em público, fazia-me por vêzes envergonhar. Foi êle quem começou a influenciar sua espôsa a meu respeito. Tanto falava em meu nome que Sônia começou a ver em mim, não um ator que ainda estudava, mas um artista de fama universal.

— O tempo foi correndo e a admiração de John pelo meu talento aumentava. Já se ia tornando uma psicose quando passei a notar que havia em tudo aquilo um misto de ódio e de veneração.

— John me adorava por ser eu um grande intérprete da arte de Shakespeare e odiava-me por ver que eu possuía melhores qualidades para interpretar o mestre da literatura inglêsa, do que êle próprio.

— Uma série de acontecimentos levou Sônia a devotar-me grande carinho. Ela vivia há quase dez anos prêsa a um homem, genial a princípio, bêbedo e neurastênico, nos últimos tempos. Por cinco vêzes tentara contra o marido impor a ação de divórcio, êle, alegando não poder aceitar o compromisso que lhe seria imposto pela Justiça (pois teria que indenizar a educação de seus três filhos: um de quatro meses, um de cinco anos e um de sete) e ainda por já ser divorciado, procurava sempre reconciliar-se com a espôsa, prometendo-lhe coisas que ràpidamente esquecia. Sônia desprezava o homem, era entretanto louca pelo gênio. Assim, continuava a seu lado.

— Certo dia John comunicou-me que partiria para Nova York a fim de participar das filmagens de «Tobac Road» e que sua sua casa continuaria à minha disposição. Disse ainda que seria até interessante se eu fôsse passar uma estada em sua residência para fazer companhia a Sônia, e às crianças. Está claro que não me transferi definitivamente, pois o meu apartamento dava-me a liberdade de fazer o que bem entendesse, e além disso possuía uma piscina que era a minha principal diversão, mas passei a freqüentar a casa de John com maior assiduidade. Ia lá para estudar em seus livros, principalmente. As palestras despretenciosas que mantinha com sua espôsa faziam parte do meu programa diário. Foi quando soube da minha ida com Sônia à estréia do filme «Egipciana» que John mostrou as finalidades de seu jôgo. Acusou-a de adultério (sem prova alguma), e indicou-me como o único implicado na sedução. Ora, isso era o que êle estava tramando há muito tempo: conseguir o divórcio sem ter que custear a ação, indenizar a espôsa e o futuro dos filhos. Uma coisa posso afirmar com convicção: podem chamar-me de boêmio, farrista ou lá o que fôr, porém, nunca de «destruidor de lares». Isso não admito.

Eugênio Carlos levantou-se de um salto. Estava visìvelmente abatido por tocar no assunto. Calou-se por instantes e esperou a pergunta do repórter:

— Eugênio, você gostava de Sônia? — inquirimos.

— Muito, muito mesmo! — e continuando — Sônia é o exemplo do belo, da personalidade, da mulher que nasceu para ser venerada.

— Quer dizer que agora — insiste o repórter — agora que êles estão separados você talvez venha a casar-se com ela...

— Quem sabe?... — respondeu entre monossílabos.

— Guarda algum rancor de John Carradine por ter usado de chantagem?

— Não, nunca poderia odiar um homem que demonstrou gostar tanto de mim, ainda que tudo aquilo não passasse de fingimento. O fato magoou-me muito, é claro, mas tenho certeza de que o Gênio vencerá o homem e êle ainda se arrependerá do que fêz.

— E' fato de que há muito John e Sônia não se davam bem?

— Sim, é verdade. Havia, em primeiro lugar, uma grande diferença de idade entre os dois, e, em segundo, a carreira que abraçaram é a mesma, o que prejudica, devido à rivalidade.

— Quanto ao valor de John Carradine, o que você pensa do seu conceito na opinião do povo americano?

— Carradine já foi um grande ator, hoje é um grande artista. O ator cria, o artista imita — John é um artista, repito.

— Foi êsse o único romance que existiu durante a sua permanência nos Estados Unidos?

— Êsse foi o único positivo. Houve outros, é verdade, mas sem grande significado. O último, verificou-se depois de todo o escândalo do Carradine. Foi com a Miss Ohio (Bárbara) e isso vem dissipar os boatos de que voltei fugindo de alguma ação judiciária por parte de John.

— E antes de sua partida, alguma namorada no Brasil?

— Uma carioquinha linda, que se preocupa mais com a minha carreira do que com o que sai no jornal contra mim.

— E de quanto tempo será a sua permanência no Rio de Janeiro?

— Cêrca de quatro meses. Estou vendo se arranjo de trazer a Sônia, para que aqui possamos filmar juntos. Tudo depende da sorte. Caso não arranje nada, voltarei à América.

— Para casar?

— Ora... quer dizer... quem sabe!



● O caso é o seguinte: Sônia já aprendeu duzentas e cinqüenta palavras em português, com Eugênio Carlos, interessou-se pela literatura brasileira, pelos nossos motivos, pela nossa arte e deseja conhecer a terra em que nasceu Eugênio Carlos. Êle não nega que teve outros romances e faz, apenas, questão de frisar que jamais seria capaz de contribuir para a dissolução de um lar. John Carradine, muito mais velho que a atual espôsa, foi, indiretamente talvez, o culpado do que aconteceu, se é que aconteceu. Não foi fácil conseguir esta entrevista, porque o jovem pernambucano estava disposto a não falar mais no assunto que lhe deu, afinal, uma publicidade avaliada em meio milhão de dólares. Só o demovemos dêsse propósito, mostrando-lhe êsse aspecto publicitário em seu benefício e porque nos interessamos pela sua carreira de artista. Realmente, Eugênio Carlos tem um «dossier» comprovante das suas atividades brilhantes no teatro e no cinema norte-americanos, do qual extraímos algumas fotos aqui publicadas. Tem excelente máscara e participou de vários espetáculos de inegável projeção artística nos EE.UU. Se tiver quem o oriente no Brasil, pode constituir uma das novas revelações e uma grande surprêsa — quem sabe? (Nas fotos, Eugênio Carlos e Sônia Carradine na festa oferecida, em Hollywood, por Zé Carioca, antigo componente do Bando da Lua).





"L'AIGLON", no Municipal

INTERINO

● Ainda bem que o libretista Henri Cain, ao adaptar para a música de Arthur Honegger e Jacques Ibert a xaropada histórica do duque de Reichstadt, sentindo-se provàvelmente possuído de fero espírito napoleônico, meteu de rijo a espada nos seis atos do dramalhão de Edmond Rostand, mui patriòticamente enfático e altissonante, para reduzi-lo a mais discretas proporções — 3 atos, subdivididos em 5 quadros. Porque fôra imperdoável desserviço à ilustre personalidade de Honegger e àquela menor, mas, ainda assim, respeitável de Ibert, obrigar o público a ouvir-lhes, por muito tempo, a música, nessa ópera.

Escrita de parceria pelos dois compositores, para ser apresentada na exposição de Paris de 1937 (mas teve a sua estréia em Montecarlo e chegou à capital francesa quando a exposição estava para encerrar-se), a música de «L'Aiglon», de certo, não acrescenta coisa alguma à merecida reputação de ambos e, quando muito, nos momentos melódicos, presta involuntária homenagem a Charpentier, Puccini e Debussy, se bem que seja avivada, num ponto ou noutro, por alguma harmonia mais desabrida de Honegger e, no transcurso de tôda a partitura, pela requintada orquestração, em que os dois parceiros são mestres. E não deve ser sem ponderosos motivos que o próprio Honegger, na sua autobiografia, a despacha sumàriamente em quatro linhas, num capítulo significantemente intitulado «Ne collaborez pas». Ibert ainda não escreveu autobiografia, mas é de crer que deva pensar do mesmo modo que o seu colega. Libreto convencional, em que não falta a costumeira festa, no II ato, para o corpo de baile fazer jus ao seu quinhão de aplausos, e música sem estilo próprio, a não ser em raros momentos e, naturalmente, híbrida e sem unidade estrututal, «L'Aiglon» serviu apenas para pôr uma nota, assim, de aparente audácia modernista no vetusto repertório da temporada lírica oficial dêste ano e para fazer estrear-se o quadro francês, de boa voz e escola, nas pessoas do soprano Géori Boué, do baixo Georges Vaillant e do barítono Roger Dourbin (com reservas em relação à primeira, que, dias depois, em «Thaïs», fêz sèriamente agastar-se uma grande parte do público, sensível aos agudos), mas que, no mais, nessa ópera, não disse bem ao que veio, se excetuarmos o excelente regente da orquestra, Pierre Dervaux. Resta saber por que cargas d'água se mobilizaram elementos artísticos da ópera de Paris para fazer conhecer êsse «L'Aiglon», esquecidíssimo em sua própria pátria, a um público, como o nosso, que apenas ouviu uma vez, há muitos anos, sem compreendê-la, a deliciosa «L'heure espagnole», de Ravel, e que ainda não conhece «L'enfant et les sortilèges», do mesmo Ravel, nem outras importantes obras do moderno repertório francês de ópera. Já que se lembraram de Honegger, por que não escolher logo uma de suas obras-primas, a ópera-oratório «Jeanne au bûcher»?

"HELENA DE TRÓIA" no Dulcina

● Dentre as peças de Roussin que, até aqui, foram apresentadas no Brasil, no original ou traduzidas, essa «Hélène ou la joie de vivre», que na tradução de R. Magalhães Júnior se tornou «Helena de Tróia», é certamente a mais fraca. Extraiu-a o comediógrafo, com a colaboração de Madeleine Gray, do divertido livro de Erskine, «A vida privada de Helena de Tróia», declarando, entretanto, não ter visado outra coisa que não fôsse divertir o público, independentemente do caso grego, «como diante de qualquer história de família a propósito de um casamento». O fato é, entretanto, que a peça tem um certo sabor apenas como «pastiche» histórico, que pressupõe na platéia um conhecimento, ainda que elementar, da antiguidade clássica. As discórdias domésticas de Helena, Menelau, Hermione, filha do casal, e Eteoneos, porteiro do paço, tal como são apresentadas em cena, não teriam muita graça se não fôssem reportadas ao mundo helênico. Fôra difícil, com efeito, encontrar alguém qualquer consistência nos três atos sem conhecer um pouco da «Ilíada» ou a «Orestíade», de Esquilo e, com essa base, poder apreciar, por exemplo, a desenvoltura e o bom humor com que a tragédia dos Atridas é introduzida, aos poucos, como elemento determinante do desenrolar-se das situações. Elemento exterior, entretanto: o de que a comédia substancialmente carece é ação real, decorrente da dinâmica íntima das personagens. Resta a vivacidade dos diálogos, a esgrima das falas entre os protagonistas, ora satíricas, ora levemente irônicas e, em todo o caso, sempre procurando ser bem humoradas. Mas Roussin, nesse terreno, não está à altura de competir, já não dizemos com um Bernard Shaw ou um Giraudoux, mas, tampouco, com um Anouilh. Tudo se resume, pois, num jôgo leve, por vêzes divertido, por vêzes um tanto monótono, a respeito de Helena, de volta ao lar depois da destruição de Tróia, e da sua insistência em opor, às idéias conformistas da filha ou do porteiro, e aos preconceitos burgueses do marido, o seu muito «sexy» e não menos convencional «prazer de viver». Nessa esgrima de diálogo, Dulcina é mestra; e a sua inteligência em valorizar as falas ao máximo couberam as honras do espetáculo. Seus companheiros, porém, incluindo Odilon, não estiveram à altura da situação; daí um desequilíbrio na interpretação de conjunto. Cenários e figurinos de bom gôsto, que contribuem para marcar o caráter elegante da apresentação dêsse gracejo teatral em três atos.



DULCINA DE MORAIS, intérprete de «Helena de Tróia», de A. Ronssin e M. Gray.

DIVERSAS

Em Veneza, por ocasião do Festival de Teatro, que se realizou no Teatro La Fenice, foi levada à cena a última peça de Malaparte: «Anche le donne hanno perso la guerra». O tema da obra é decididamente malapartiano: a prostituição obrigatória imposta em Viena, no ano de 1945, pelos vencedores russos, vanguardeiros da nova «civilização» comunista, às espôsas, mães e irmãs dos vencidos, escaladas para «especiais serviços» com que alegrar as horas de lazer da soldadesca sovietizada (tal como, em famoso capítulo de «Kaputt», as mulheres polonesas, em benefício daqueles outros valorosos espécimes de «civilizados» que foram as hordas hitleristas). A peça foi acolhida com aplausos em quantidade suficiente para equilibrarem as vaias. Porque na Itália, certo ou errado, ainda se usa vaia.

★

O público de Londres parece que não compreendeu patavina do último trabalho teatral de Christopher Fry, «The dark is light enough», e espera que a crítica literária explique os valores líricos em outros que a obra porventura contenha e, assim, lhe esclareça o sentido da peça. Consolam-se, entretanto, os amigos de Fry, dizendo que isso de escrever obras teatrais, em que ninguém entende, inclusive, possìvelmente, o próprio autor, o que pretendem dizer, também acontecia com o consagradíssimo James Bridie.



ISABEL MOURÃO, recém-chegada dos EE. UU., será a próxima apresentação da A. B. C.



NON PLUS ULTRA

finesse

a delicadeza transformada em cigarro

Ouça as melhores cantoras do Brasil exclusivas da RÁDIO RECORD

- ARACI DE ALMEIDA
- CARMÉLIA ALVES
- ELIZETTE CARDOSO
- ELSA LARANJEIRA
- ESTER DE SOUSA
- INEZITA BARROSO
- ISAURA GARCIA
- NEIDE FRAGA

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Flash Paulista

Hélio Abreu



Café



Gomes



Bonfiglioli

● EDUARDO GOMES NÃO BOMBARDEOU SÃO PAULO. Foi preciso que o brigadeiro Epaminondas Gomes dos Santos deitasse falação para se conhecer a verdade sôbre quem, em 1932, bombardeou São Paulo. Até agora o brigadeiro Eduardo Gomes sofreu atroz campanha e herdou as conseqüências do fato, estando inteiramente inocente. Pois foi justamente o sr. Epaminondas, o último-quase-ministro da Aeronáutica do sr. Getúlio Vargas quem lançou os célebres petardos por sôbre a capital paulista e outros centros, entre êles a usina de Cubatão. O brigadeiro Epaminondas (Epa Feio, segundo apelido de caserna) prestou, sem o desejar, um enorme serviço a democracia brasileira fazendo ruir por terra a maior arma de que dispunham os inimigos da UDN em São Paulo.

● A IMPRENSA DE SÃO PAULO deu grande destaque a primeira entrevista concedida pelo presidente Café Filho aos jornalistas. A repercussão sôbre o acontecimento foi inteiramente favorável.

● O LIVRO NEGRO DA CORRUPÇÃO, editado pelo «O Globo», do Rio, teve a sua edição paulista rodada nas oficinas do «O Estado de São Paulo», velha trincheira da democracia bandeirante. Centenas de milhares de exemplares foram esgotados em poucas horas.

● A ÚLTIMA ANEDOTA SÔBRE Gregório e sua «gang» é contada em São Paulo da seguinte forma: o cantor Gregório Barros teria ido ao Registro Civil a fim de trocar de nome. Não queria mais chamar-se Gregório, pois êste nome estava que nem pau de galinheiro, isto é, sujo. Perguntado sôbre qual o nome que desejaria adotar para substituir o **Gregório**, o cantor respondeu que qualquer um serviria, menos os de Climério, Arquimedes, Ângelo, Danton ou Getúlio...

● OS CHEVROLETS DO SR. ADEMAR PEREIRA de Barros estão dando muita dor de cabeça ao chefe paulista. Falando sôbre o chamado «escândalo dos 4 rodas» o deputado e poeta Menotti Del Picchia disse: «Drumond de Andrade está inspirando-se no fato para uma nova composição que irá substituir a conhecida «pedra no meio do caminho» e que será batizada com o nome de «Há um Chevrolet na Minha Vida».

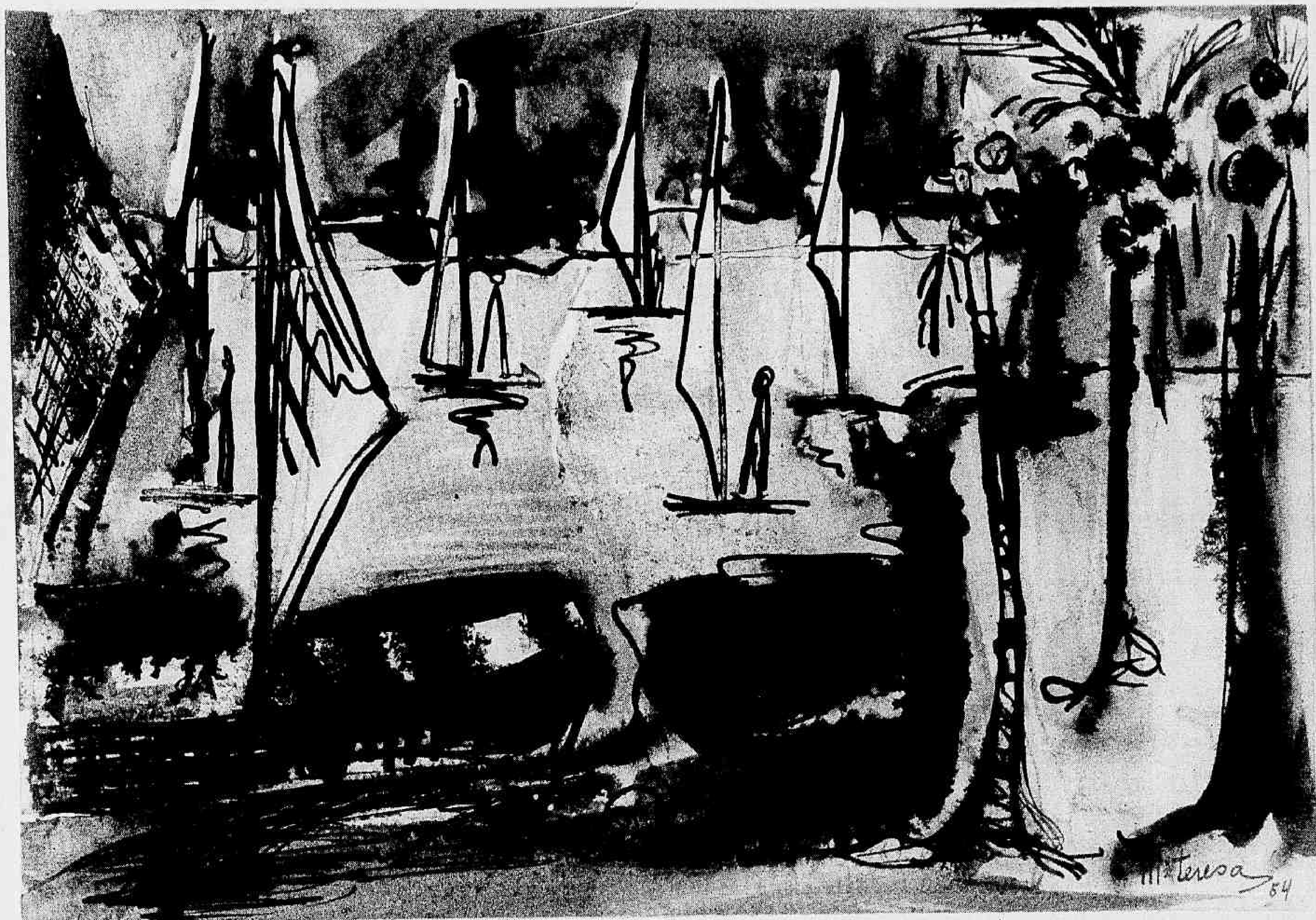
● MUITO POUCA GENTE SABE que a Estrada de Ferro Sorocabana arrecada mais que a maioria dos Estados do Brasil. Assim, logo depois de São Paulo, Minas, Rio Grande, Pernambuco e Bahia ela detém o recorde de arrecadação.

● O VOTO SECRETO DE GARCEZ. Como é público e notório, o governador Lucas Nogueira Garcez votou, em 3 de outubro, em Prestes Maia e Cunha Bueno, respectivamente candidatos a governança e a vice-governança do Estado. Com relação aos candidatos a deputado amigos do situacionismo bandeirante, ignora-se o seu pronunciamento.

● HOUVE GENTE EM SÃO PAULO que se transferiu para o Rio ùnicamente com o objetivo de sufragar o nome do jornalista Carlos Lacerda no pleito do dia 3. Entre as muitas pessoas que assim procederam, encontram-se os senhores Justiniano Borges, presidente da Associação de Defesa da Família Paulista e o coronel (reformado) Andrade Limeira.

● NA HORA DO ENTÊRRO do sr. Antônio Moraes de Sousa, falecido há pouco em São Paulo, houve um sururu dos diabos. Motivo: sua viúva estava flertando com um vizinho, no que foi surpreendida pelo irmão do morto, seu cunhado, que sem mais delongas deu-lhe violenta surra. O fato foi registrado pela imprensa bandeirante.

● O COMENDADOR ALBERTO BONFIGLIOLI, um dos homens mais elegantes de São Paulo, votou em 3 de outubro no sr. Ademar de Barros.



PREGÃO TURÍSTICO DO RECIFE

WALMYR MARANHÃO

Desenho de MARIA TEREZA

RECIFE — «ó cidade noturna, velha, triste, fantástica cidade», do poeta Joaquim Cardoso, das pontes, dos arcos, dos bondes de burro, das Ruas da Saudade e Alegria, do Cais do Apolo, onde entre antigos fantasmas de soldados holandeses, o velho Ascenço Ferreira, tira sujo do nariz, olhando a noite cair, lá na Rua da Aurora. RECIFE — meio árabe-holandês, onde nasci e vivi, peguei catapora e sarampo, tomei cana com caju, pelo Pátio do Mercado, entre gringos e camelôs, meretrizes decadentes, reclames da sífilis e da raça.

Onde ficou a cidade de trinta anos atrás? Dos pastoris, das polacas, lá da Rua Frei Caneca, do «34 descalço», de Pão Duro e Vassourinhas, das Festas do Carmo e da Penha, das beatas espiando, pelas frestas da janela, os casais de namorados, e, mais um bocado de coisas que não consegui alcançar, porque nasci atrasado, mais que sobrou de lambuja, como o Pátio de São Pedro, Olinda, Boa Viagem, as bicas, as ruas da Guia, das Flôres, da Soledade, angu, canjica e cachaça, sarapatel e pamonha, os xangos de Água-Fria, Cheiroso e seu mamulengo, Ascenço e alguns fandangos, e o velho Capibaribe.

O ôlho cai do passado, e sobrevoa a cidade: onde estão os seus poetas? Manuel Bandeira, Cardoso, Odorico, Mauro Mota, João Cabral e Hélio Feijó? — RECIFE, civilizou-se, perdeu a graça e a beleza, virou metrópole, extirpou-se! Depois das onze da noite, já não se ama as domésticas, nem se come tapioca ou peixe frito nas esquinas.

RECIFE — vulgarizou-se, como qualquer Nova York, vão surgindo avenidas florindo a cidade, florindo na lembrança, a «velha triste e fantástica» cidade de há trinta anos, que agora ressuscito entre um trago de aguardente e um arremêdo de poema.



BÁRBARA VIRGÍNIA (19 PEDIDOS DE CASAMENTO):

DIZER VERSOS NÃO É PAPAGAIAR

Reportagem e fotos de SÉRGIO SILVEIRA

A graça e a beleza da declamadora lusa andam virando a cabeça de muita gente ★ Cantora, bailarina, diretora cinematográfica, atriz dramática e três anos de Direito ★ Garrett, símbolo de uma época romântica, não é o seu preferido ★ Agraciada com a comenda literária «Estrêla de Castro Alves».

A voz, as mãos, os olhos de Bárbara Virgínia falam, riem e choram e fazem dessa grande declamadora a maior intérprete da poesia universal» — (João de Barros).

Menos de doze horas foi a permanência da bonita portuguêsa no Rio de Janeiro. Isso, precisamente há dois anos e dois meses, quando veio de Lisboa, contratada pela TV de São Paulo. Sendo São Paulo o seu destino, não teve outra alternativa senão a de contentar-se em ver a Cidade Maravilhosa por alto, do avião. Esperava que sua permanência na Paulicéia não fôsse além dos três meses do contrato, mas enganava-se redondamente: quando êle terminou, o sucesso alcançado levou-a para outras emissoras, a Difusora, depois a Cultura e finalmente a Gazeta. Ela que tivera de usar recurso extremo para conseguir um contrato no Brasil — além de declamar via-se obrigada a cantar — de tal forma cativou o público paulistano que êsse mesmo público em pouco esquecia seus predicados outros, para se deixar absorver por inteiro pela sua arte declamatória.

Porque Bárbara Virgínia é acima de tudo a mulher que sabe dizer — e com uma personalidade espantosa: é tôda um fogo ardente, impetuoso e vivo, quando fala com euforia; branda e agradável palavra meiga, quando o faz com doçura e placidez.

★

Encontramos Bárbara repassando seus versos junto à piscina do Hotel Glória. O «Cântico Negro», do poeta luso José Régio, ressoava majestoso no vazio do ambiente. Ficamos de lado, quietos, embebidos pelo sentimento da arte. Ela continuava, serena por vêzes, gritando, chorando, sorrindo, tudo mesclado de sua forte personalidade de mulher.

Quando terminou, um sorriso largo deixou à mostra a fileira de dentes alvos e certos da artista:

— Gostou? Na minha opinião esta é uma das mais belas páginas da poesia portuguêsa.

— José Régio vem a ser então um de seus preferidos...

— Não tenho autores prediletos — responde. Nem sou partidária desta ou daquela corrente literária. Sou, isso sim, amante da arte. Procuro, em cada poeta as obras que considero as melhores para o meu repertório. Sou assim em tudo: na música, onde tanto aprecio um Chopin quanto Ari Barroso; na amizade pessoal, em tudo mais. Não sou romântica nem modernista: sou genérica. Aprecio Manuel Bandeira e deixo-me deslumbrar pelo nosso Camões.

— Dos brasileiros, qual o que mais aparece no seu repertório?

— Sem dúvida Castro Alves. Chego a perturbar-me ao pensar que um homem tão moço pôde escrever tão divinamente. O «Navio Negreiro» bastaria para uma consagração. No entanto sua imaginação e seu poder criador permitiram-lhe deixar inúmeras outras obras de igual beleza.



Virgínia veio ao Rio depois de dois anos e meio de Brasil. Ficou encantada — como é natural — com as delícias da Cidade Maravilhosa. Declamadora de méritos indiscutíveis, agradou o povo carioca com a ênfase de seus versos e a perfeição de seus dotes físicos.



Nem a fôrça da palavra, nem a maviosidade dos sons conseguiram perturbar o descanso da virgem. E' preciso ser de mármore para que o sangue não sinta os efeitos de um poema. E Bárbara Virgínia sabe bem como interpretá-lo.

Bárbara Virgínia



As mãos são parte da vida do declamador. Os gestos bruscos ou um menear suave, vivem, sentem e falam. Os olhos são também elementos imprescindíveis na arte de bem dizer. Virgínia tem isso tudo e muito mais...



A hora de estudo é sagrada, e, mesmo conhecidas íntimas da declamadora, as poesias de seu repertório são repassadas periòdicamente.



Olhar distante, mão em concha, a artista lusitana analisa a poesia da cidade. — «E' tão linda que dificilmente um poeta a descreveria!»

— É a primeira vez que sai de Portugal?

— Para a América do Sul, sim. Quanto à Europa, conheço-a quase tôda, com exceção da Rússia. Já me apresentei na França, Inglaterra, Holanda e Espanha, divulgando por êsses países as riquezas da língua portuguêsa e recitando também em francês, espanhol e inglês. Pena que o nosso idioma, tão belo em sua forma, tenha um âmbito de expansão sumamente restrito. O europeu vibra com a nossa articulação oral e com o mavioso de nossos sons, mesmo sem conhecer o significado da palavra. Imagine se a entendesse...

O telefone do bar tilintou. Virgínia pediu licença, ordenou ao garção que servisse (patriòticamente) um Pôrto ao repórter e desapareceu por instantes. Voltou alegre, um passinho miúdo:

— Sabe? Tudo pronto para o recital. Poderei felizmente realizar o meu intento de colaborar para o brilhantismo das comemorações do centenário de Almeida Garrett. Darei ao Rio um espetáculo inédito. A primeira parte constará exclusivamente das obras dêsse autor. Mandei fazer cenários e vestuários de acôrdo com a época do romantismo francês (cada vestido gastando duzentos metros de fazenda), época em que se inspirou Garrett para criar o gênero romântico português. Fui ajudada por amigos e admiradores para concretizar êsse espetáculo, que intitulei «Eu tinha umas asas brancas», e sem êles, pouco poderia fazer. Por isso estou sinceramente agradecida aos que colaboraram comigo de uma forma ou de outra. Garrett é o símbolo de uma geração, e assim, nada mais justo que o seu centenário comemorado no mundo inteiro. Em Portugal, o poeta Júlio Dantas organizou vasto programa para celebrar a data, presidindo conferências, solenidades e festejos que marcam a apoteose popular a que faz jus o homenageado.

— É verdade que lhe foi ofertada uma comenda literária por um embaixador brasileiro?

Bárbara Virgínia confirma:

— Foi essa uma das maiores alegrias da minha vida. Fui agraciada pelo embaixador Negrão de Lima, presidente da Casa Castro Alves, com a «Estrêla de Castro Alves», por ser a maior intérprete feminina que o poeta baiano já teve para os seus versos. Não vai aí nenhuma presunção de minha parte...

O telefone chamou novamente: outro pedido de desculpa, outra dose de Pôrto e novo regresso:

— Já que falou da maior alegria sentida em terra brasileira, gostaríamos de saber, Virgínia, se já teve também alguma desilusão por êstes lados...

A fisionomia da artista cobre-se de uma súbita apreensão:

— Bem, não foi pròpriamente uma desilusão... artística, mas não deixou de me abalar bastante: fui roubada em um relógio de pulso no valor de noventa mil cruzeiros... Logo que cheguei ao Rio, em plena rua, um sujeito deu-me um encontrão. Achei estranho que nem sequer se voltasse para pedir desculpas... Seria assim tão mal educado? Momentos depois dei pela falta do relógio.

Suspirou e disse:

— Que se há de fazer? Esperar que a consciência doa no gatuno?

— Já que o irreparável está presente, mudamos de assunto:

— Acha que ainda existe lugar para a poesia no mundo atribulado de hoje?

— É triste dizer que não, mas é preciso. Muita gente ignora que a arte de dizer é uma das artes mais difíceis. A maioria dos declamadores atuais são simples «decoradores». Êsse é o grande flagelo. Usam os meios do papagaio... Decoram um verso qualquer e sobem ao palco para recitá-lo mecânicamente. Ora, a platéia desprevinida não esquece que o «papagaio» é um decorador e nêle vê um representante da arte declamatória, falho e inexpressivo — valha-me Deus!

Depois sublinhando:

— É preciso viver os gestos, a fisionomia, o menear do corpo, o movimento brusco ou harmonioso de um braço ou da mão — e isso é o mais difícil. Sabe por quê? Não há escolas para as crianças aprenderem, na mais tenra idade, a recitar com propriedade. Não basta dizer o verso, é preciso sentir e sofrer também. Quando se lembrarem disso, a arte declamatória reconquistará o prestígio de outros tempos menos prosaicos.

— Deixemos agora a beleza poética e falemos da sua...

A artista surpreende-se com o desvio da conversa. Um sorriso que nos pareceu envergonhado escapou de seus lábios.

— Parece que compreendo o que você quer perguntar. Por agora posso dizer apenas que já fui pedida dezenove vêzes, em casamento, depois que cheguei ao Brasil...

— E afinal?

— Nada... por enquanto!

— E do Brasil, para onde irá?

— Tenho um contrato a cumprir na Argentina.

— Quem sabe se os portenhos...

Bárbara Virgínia faz brilhar os seus olhos que «falam» e dizem tudo:

— Qual, não tenha receio... Prefiro decididamente um moreno carioca...

★

«Escutando Bárbara Virgínia dei razão a Paul Valery: Não é para ser lida, mas para ser ouvida que a poesia existe no mundo».

O TEXTO NO "SHOW" DE BUATE

PAULO SOLEDADE

● A modalidade de «shows» com seguimento, dentro de um enrêdo, em buates, é uma criação quase que exclusiva nossa. A falta de atrações, dificuldade de importação de números para êste gênero de espetáculos, fêz com que se improvisasse aqui mesmo êsse misto de revista e programa de rádio que são os nossos «shows» de ùltimamente. Experiências as mais variadas vêm sendo tentadas à procura do que o público desejaria assistir entre um gole de uísque e uma piada mais engraçada do suposto pagador da despesa. Assim, à guiza de legenda, a construção mais primária ainda é aquela que diz entre um quadro e outro, uma ou duas frases justificando a sua apresentação. Assisti uma vez a um «show» cujo argumento consistia de um comandante de navio com um binóculo de longo alcance, adivinhando os quadros que por fôrça do orçamento do espetáculo ou pelos limitados recursos intelectuais do produtor e componentes do elenco, surpreendiam o espectador pela disparidade de gêneros e de nível de qualidade. Mas havia a sensação do seguimento da peça justificado pelas legendas que uniam os quadros.

O comandante acestava o binóculo e comentava com o imediato (supõe-se): «E agora estou vendo uma bailarina dançando com outras companheiras, se não me engano, uma rumba, devemos estar próximos de Cuba!» E naturalmente acontecia um quadro dançado nesta base.

Depois êle anunciava: «Estou vendo palmeiras que me fazem crer estarmos próximo dos trópicos, será a Bahia?» Surgia um quadro sôbre costumes daquela terra, e assim consecutivamente ia o comandante vendo através de seu binóculo, cantores, bailarinos e tudo o mais que deveria aparecer no «show». Êle ficava num canto da cena e dizia as legendas. A luz apagava em cima dêle e acendia no número e isso mesmo sem muita exatidão. Êsse comandante poderia ver o jardim zoológico, o planêta Marte, o jôgo Flamengo e Vasco etc. Então o pessoal que começou a entender um pouco mais tratou de evitar a construção de «shows» com legendas a fim de mostrar um trabalho mais difícil e conseqüentemente de maior mérito.

É com orgulho que êles anunciam: O meu «show» não tem texto. Muito bem. Já é uma preocupação de não apresentar o mais fácil. Mas isso não quer dizer que por não haver texto, êste espetáculo é melhor do que os outros.

Poderá atender melhor à sua finalidade quando a ausência de texto fôr suprida com suficiente inteligência. Poderá ser imprimido um melhor ritmo ao «show». O freqüentador de buates que assiste cinco seis e mais vêzes ao mesmo espetáculo não achará tão insípida a parte falada que não tem normalmente o mesmo interêsse depois de se ouvir uma ou duas vêzes a mesma piada, etc. O Copacabana está apresentando um espetáculo sem texto. Tem bom ritmo, mas não tem muita lógica no seu encadeamento, ficando assim prejudicado o seguimento do espetáculo que não forma um todo igual. O Casablanca também não usou texto, nem por isso está bem construído, faltou ritmo e lógica na seqüência dos quadros. Silveira Sampaio que é um homem do teatro falado («show» seria sem fala) adaptou ao seu estilo uma comédia musicada e o fêz com boa técnica. Usou texto em forma de legenda disfarçada e conseguiu o melhor espetáculo entre os três, do ponto de vista de construção, podendo-se concluir que o «show» ganha quando não tem texto se houver talento para suprimi-lo, em caso contrário o público ainda acha mais interessante a forma primária porém bem feita ou seja a construção com legenda quando também existe inteligência.



CARLA NELL — Apareceu como «girl» e fêz carreira. Dança e representa. Com Colé conseguiu seu melhor papel em São Paulo fazendo uma versão cômica de Dama das Camélias em «Brotos em 3ª dimensão». Está novamente no Rio no «show» do Casablanca e no Carlos Gomes. Não tem muita oportunidade por já se encontrarem estas duas peças montadas quando chegou. Além das amplas possibilidades é possuidora desta plástica que se observa acima.



Um grupo do elenco de Zilco Ribeiro em «Doll Face» que foi substituído por «Mas . . . muito mesmo». Apesar dos recursos limitados do teatrinho Follies, mostramos nesta foto o atrevimento das realizações do produtor na zona sul.

DIVERSAS

● Depois que Antônio Maria inventou o tipo de nortista para Nancy Wanderley, num programa de rádio (Tupi, há anos atrás) os produtores de «shows» e filmes têm se fartado de aproveitá-la nos seus «scripts» dentro desta característica. É que o produtor de rádio, compositor e cronista desta cidade, veio de Recife e na sua saudade Antônio Maria lembrou as expressões mais típicas dos seus conterrâneos, maneira de pronunciá-las e atitudes costumeiras da gente de sua terra. Ensinou tudo a Nancy Wanderley que com seu inegável talento de comediante soube aproveitá-los muito bem. Silveira Sampaio transportou-a para o teatro em «Flagrantes de Rio» e mais tarde no «show» do Monte Carlo «Um americano em Recife». Watson Macedo usou-a em «O petróleo é nosso» sua última produção para o cinema, e acredito, no próximo «show» do Casablanca, Nancy estará junto de Grande Otelo representando também uma cidadã nortista, talvez com um derivativo qualquer para o francês ou inglês, mas sempre nortista. Estaria ela pensando: Quer dizer que antes de eu ser nortista não tinha graça como comediante?. . . . .

● Waldir Calmon é o pianista que se apresenta tôdas as noites na buate Night and Day, tocando para danças. Gravou muitas músicas com seu conjunto e são fatôres de seu sucesso sua maneira personalíssima de se conduzir ao piano, seu bom gôsto na seleção do repertório e a cantora Diamantina Gomes que o acompanha há muitos anos.

● Farolito é um bar que fica entre o pôsto 4 e o 5, com Jean que foi «bar-man» do antigo «Maxim's», no tempo de Fredy. Um pouco escuro, mas bem servido, com pessoal atencioso e bebida de qualidade garantida. Vai seguir a linha dos outros bares que estão contratando atrações.

● No Comodoro, em São Paulo, estreou Oldair Soares, o pau-de-arara, que tinha passado por lá uma noite e causou grande sensação. Saiu diretamente do Bacará, do Rio, para atender às insistências do público paulista. Alegre, procurando sempre fazer amigos, Oldair Soares tem conseguido se impor cada vez mais.

Por êsse *Mundo* de Deus



EM VENEZA

O Duque de Windsor, que se vê com o sr. James Donahue, deteve-se em Veneza durante um cruzeiro pelo Mediterrâneo. A próxima etapa será em Rabat, na costa africana, onde o ex-rei pretende adquirir coisas e caçar elefantes.

MARGARET, A SEM NOIVO

Com 24 anos, Margaret permanece sem noivo. Collin Trenant, muito vistoso, figura ao fundo, mas diz-se que apesar dos comentários, ainda não há nada de positivo. O filho de lord Glenconner está no páreo, mas ainda não é o eleito...



LINHA DIOR

Marlene Dietrich é até agora a única que positivamente aderiu à nova linha Dior, apresentando em Monte Carlo êsse vestido que custou milhões de francos e que, realçando o encanto da atriz sexagenária, realça no entanto suas conquistas...



O TEMPERAMENTAL

Eis o temperamental Marlon Brando, recém-saído de uma clínica de psiquiatria, e interpretando o papel para o qual foi delirantemente aplaudido em Veneza — o do gangster de «Waterfront». Marlon é positivamente uma coqueluche...





BRASIL AMARGO

Uma revista italiana acaba de publicar uma reportagem sob o título «Brasil Amargo», reclamando que os imigrantes italianos não recebem aqui o cuidado devido. Encaminhados para a fazenda das «Pedrinhas», eis alguns tipos que aguardam longos e longos dias à espera das autoridades, enquanto a cidade iluminada comemora de modo principesco o IV Centenário...

CRISTINA

Eis Cristina, a pequenina filha da atriz Marta Toren, que depois de muitas viagens e controvérsias elegeu Roma como lugar de residência. Marta Toren, que é de origem sueca, como a Garbo, Ingrid Bergmann e outras divindades, não sabe viver longe da Europa, e o diz... Ei-la com a pequenina Cristina, e feliz, ao que parece, enquanto não está filmando.

FOI ÊLE MEU ASSASSINO

Herbert Miller, proprietário de uma joalheria em Los Angeles, foi assaltado e ferido mortalmente no peito por um «gangster». No hospital, já morrendo, mas ainda em plena posse de suas faculdades, Miller reconheceu seu assassino, declarando peremptòriamente perante as autoridades: foi êste. E mais: É êle meu assassino.



AS 4 MARIAS DO PARÁ

ANTONIO MARIA

NESSE tempo de dinheiro curto, quando as famílias de salário mais digno já estão apertando o cinto e comprimindo os seus gastos, um pobre casal do Pará ganhou quatro gêmeas. Uma mulher chamada Raimunda deu à luz quatro menininhas e foi tamanha a doçura ao vê-las nascidas, que as chamou de Maria. Raimunda estava contente, Raimunda estava feliz, porque ninguém, em momento de ira ou de revolta, chamaria alguém de Maria. Marcolino, que é o pai, foi muito solicitado pelos repórteres e, em tôdas as vêzes, confessou grande felicidade em ser tão pai de uma só vez.

Essa gente humilde do norte cumpre o «crescei e mutiplicai-vos» com uma naturalidade e um espírito esportivo que fazem gôsto. Quem andou pelas praias do Ceará conviveu, por certo, com imensas famílias de pescadores e soube, de cada casal, coisas espantosas sôbre fecundidade e vida. Casais praianos (o homem pescador e a mulher, na maioria dos casos, rendeira de bilros), indo à missa, puxavam uma fieira de oito e dez filhos. Se lhes faziam perguntas, respondiam sempre que «Deus tinha querido assim» e contavam, com pesar, a morte de dois ou três, quase sempre de enterite. Não se soube de um casal sem filhos, em Mucuripe, por exemplo, zona de jangadeiros e vendedores de aguardentes. Só vendo, é possível se ter uma idéia da pobreza em que essas crianças se criam. São uns bichinhos barrigudos e nus, montados em cavalos de cabo de vassoura, correndo a praia, levando recados e cantando umas cantigas desgostosas, comoventes demais para a boquinha de um menino. Comem peixe e farinha. Vestem camisolões, que raramente descem além do umbigo. E vão assim até 12 e 13 anos, quando lhes cobrem o sexo por uma mera formalidade de ser humano. Talvez seja esta a única formalidade cumprida em todo o litoral do Brasil, onde proles enormes constituem densas populações de indigência; onde a fertilidade consegue neutralizar o fabuloso índice de mortalidade infantil. Mas, não se sabe de nenhuma mulher que, por pobreza ou mêdo de ser mãe, tenha provocado ou encomendado um abôrto. Lembro-me de que falei com um jovem pescador, rapaz dos 22 anos que, vivendo há 5 anos com uma mocinha magra de nome Corina, já era pai de 4 meninos. Quis ver até onde iam sua coragem e inconseqüência. Perguntei-lhe o que pretendia fazer de tanto filho. Respondeu só isto:

— Nada. Nasceu, a gente cria.

A base dessa sabedoria é muito certa. Nascer e morrer são duas coisas inevitáveis. E os meninos nascem e morrem, sem que nada se diga ou se faça em contrário. Os que sobrevivem ganham uma camisola e basta vir em casa nas horas de comer peixe ou de dormir na rêde. Essa invenção de colégio, de dentista, de vacinação, isso o govêrno, se quiser, que vá à praia tomar suas providências.

● No Ceará, havia um líder da praia, que antevia e sabia de coisas, além dos modos primitivos de sua gente. Procurava falar com jornalistas e encontrar soluções de dignidade para as famílias dos pescadores. Algumas vêzes foi apontado como agitador vermelho. Outras vêzes foi ouvido e incentivado. Seu plano, se bem que arriscado, tinha muita beleza. Viria ao Rio numa jangada e, aqui, contaria ao Presidente da República (Getúlio Vargas) tudo o que sabia sôbre a miséria e o desamparo das famílias dos pescadores. Veio. Conjurou o perigo e as distâncias do mar. Morreu, porém, na Barra da Tijuca, posando sua bravura para o cineasta Orson Welles. Êsse homem se chamava Jacaré e essa história todo mundo sabe. Mas, da inspiração, da viagem, do heroísmo e da morte de Jacaré, nada de novo se aproveitou, nem o filme, no qual a RKO esbanjou milhares e milhares de dólares. A vida do pescador de Mucuripe é exatamente a mesma: menino nascendo, chorando, correndo, cantando, morrendo... à-toa.

● Agora, no Pará, a alegria com que Raimunda e Marcolino recebem quatro gêmeos é uma inesperada lição de pureza. Casais ricos — e os há às centenas por aí — gente, que a sorte preparou melhor para ser pai e mãe, são gentes que vivem de «delivrances» trimestrais, chegando a ter contas-correntes em parteiras especializadas. Os motivos são vários: o apartamento pequeno, dificuldades financeiras ou é a mulher que acha maçante o tempo da gravidez. Enquanto isso, Raimunda, paraense e pobre, sorri em doçura e chama de Maria a suas quatro filhinhas parecidas. Por causa disso, êste cronista pede licença e, em seu nome e em nome dos seus leitores, passa um telegrama aos pais das Marias do Pará. Eis o texto:

«Raimunda e Marcolino — Belém do Pará. Parabéns pela felicidade de vocês. Sobrevivência e saúde para as quatro Marias. Em época de tanta notícia de mortandade, essa notícia de Vida, que vocês nos deram, foi um motivo de esperança e alegria para todos nós. Abraços do cronista e dos leitores da REVISTA DA SEMANA».

Desenho de DAREL



MARIA

Romance de JORGE ISAACS

A BRÁULIO escorchava a pele ajudado por Tibúrcio. As mulheres haviam regressado aos seus trabalhos e eu dormia sôbre um dos bancos da salinha em que Transito e Lúcia haviam me improvisado uma cama. Servia-me de acompanhamento o rumor do rio, os grasnados dos gansos, o balido do rebanho que pastava nas colinas próximas, e os cantos das moças que lavavam roupa no regato. A natureza é a mais amorosa das mães quando a dor se apossou de nossas almas — e se a felicidade nos acaricia, ela nos sorri.

XXII

A insistência dos montanheses me fêz permanecer com êles até às quatro da tarde, hora em que depois de longuíssimas despedidas, coloquei-me a caminho com Bráulio, que se empenhou em acompanhar-me. Havia me aliviado do pêso da carabina, que pendurara em seus próprios ombros.

Durante o caminho, falei de seu matrimônio próximo e da felicidade próxima que o aguardava, amando-o Transito como o deixava ver. Escutava-me em silêncio, porém sorrindo de um modo mais eloqüente do que qualquer palavra.

Havíamos atravessado o rio e começávamos a descer pelas quebradas da encosta limpa, quando Juan Angel, aparecendo por trás de umas amoreiras, interpôs-se em nossa frente, dizendo com as mãos unidas em sinal de súplica:

— Eu vim, meu amo... eu ia... Porém não me faça nada. Não vou mais ter mêdo.

— Que foi que você fêz? Que foi? — interrompi eu. Foi de casa que mandaram você?

— Sim, sim, meu amo. A menina. E como o senhor me disse que voltasse...

Já não me lembrava da ordem que havia dado.

— Foi de mêdo que você não voltou? — perguntou Bráulio rindo.

— Foi isto sim, foi isto. Porém como Mayo passou assustado por aqui, e logo depois o senhor Lucas me encontrou atravessando o rio e disse que o tigre havia matado o sr. Bráulio...

Isto causou uma estrepitosa hilariedade. Alguém disse ao negrinho aterrado:

— E você estêve durante todo o dia metido nesses matagais como um coelho!

— Como não, nhô José me disse que voltasse logo, que não devia andar por aí sòzinho... — respondeu Juan Angel roendo as unhas das mãos.

— Vamos, eu defendo você, tornou Bráulio. Porém, com a condição de que em outra caçada, irá lado a lado comigo.

O negrinho olhou-o com olhos desconfiados, antes de resolver-se a aceitar assim o perdão.

— Aceita? — Perguntei, distraído.

— Sim, meu patrão.

— Pois então vamos andando. Você, Bráulio, não se incomode em me acompanhar. Volte.

— Se é isto o que eu queria...

— Não. Observe que Transito está hoje tôda assustada. Dê a ela mil lembranças minhas...

— E esta arma que eu carregava... Ah, continuou, toma-a você, Juan Angel. Não irá quebrá-la no transporte? Veja bem que eu devo a vida a isto...

Dei um apêrto de mão ao valente caçador e separamo-nos. Distante já de nós, ainda gritou:

— O que vai no saco é a amostra de mineral que seu pai encomendou a meu tio.

Detive-me a dois tiros de fuzil da casa à margem da torrente que descia ruidosamente até esconder-se na selva.

Ao continuar descendo, procurei Juan Angel; havia desaparecido, e supus que temendo meu aborrecimento ante sua covardia, havia resolvido solicitar amparo em melhores condições do que aquêle oferecido por Bráulio em tão inaceitáveis condições.

Tinha eu um carinho especial pelo negrinho. Naquela época contava êle doze anos, era simpático e quase que se poderia dizer belo. Apesar de inteligente, sua índole tinha algo de furão. A vida que até então havia levado, não era a mais adequada para soltar seu caráter, pois sobravam motivos para mimá-lo. Feliciana, sua mãe, criada que havia desempenhado na família funções de aia e portanto desfrutando de tôdas as considerações inerentes a tal, sempre procurara fazer de seu filho um bom criado para mim. Mas fora do serviço de mesa e de quarto, e da sua habilidade para preparar o café, era no tocante ao resto desleixado e bisonho.

Muito próximo da casa, notei que a família ainda se achava no refeitório, e concluí que Carlos e seus pais haviam chegado. Desviei-me para a direita, saltei a vala da horta e atravessei esta a fim de chegar ao meu quarto sem ser visto.

Pendurava o saco de caça e a espingarda, quando percebi um ruído desacostumado de vozes. Neste momento minha mãe entrou no quarto e perguntei a ela a causa do ruído que ouvia.

— E', disse minha mãe, que o senhores M. se acham aqui, e já sabes que don Jerônimo fala sempre como se estivesse à margem de um rio.

Carlos na minha casa! — pensei. Era êste o momento de prova de que havia falado meu pai. Carlos teria passado um dia em namôro, uma ótima ocasião para admirar sua pretendida. Pena que eu não pudesse demonstrar a êle o quanto a amava. Não poder dizer a ela que seria seu espôso! Era aquilo um tormento pior do que eu havia imaginado.

Minha mãe, notando que eu parecia preocupado, disse-me:

— Como você voltou triste!

— Não senhora — cansado, apenas.

— Foi boa a caça?

— Muito feliz.

— Posso dizer a seu pai que você já tem a pele de que êle o encarregou?

— Não a que lhe prometi, mas uma belíssima, de tigre.

— De tigre?

— Sim senhora, do que fazia estragos nestes arredores.

— Mas... isto deve ter sido horrível.

— Os companheiros eram valentes e experimentados.

Ela já havia pôsto ao meu alcance, tudo o que eu podia precisar para o banho e a troca de roupas — e à porta, quando já ia saindo, recomendei para que não dissesse que eu havia chegado.

Tornei a entrar, e usando uma voz doce e afetuosa que a tornava irresistível sempre que me dava algum conselho, disse-me:

— Você se lembra do que falamos outro dia sôbre a visita dêsses senhores, não?

Satisfeita com a resposta, acrescentou:

— Bom. Confio em que sairá tudo muito bem.

E certificando-se de novo de que nada poderia me faltar, saiu.

O que Bráulio dissera que era mineral, não passava da cabeça do tigre; com astúcia, havia feito chegar até em casa êsse troféu de nossa façanha.

Pelos comentários que depois se fizeram em casa, pude compreender o que se passara na sala. Ia servir-se o café, quando chegou Juan Angel dizendo que eu já vinha, e mostrando a meu pai o conteúdo da mochila. Êste, desejoso que dom Jerônimo desse sua opinião sôbre os quartzos, mandou o negrinho retirar o que houvesse dentro, coisa que êle ia fazer, quando deixou escapar um grito de terror e recuou com um salto.

Cada um dos circunstantes quis averiguar o que havia se passado. Juan Angel, de costas contra a parede, olhos arregalados e mostrando o saco com os braços estendidos, exclamou:

— O tigre!

— Onde? — perguntou dom Jerônimo derramando parte do café que tomava, e pondo-se de pé com mais ligeireza do que seria permitido esperar do seu esférico abdome.

Carlos e meu pai também deixaram seus assentos.

Ema e Maria aproximaram-se.

— Na mochila! — tornou o interpelado.

A todo mundo voltou a alma ao corpo.

Meu pai sacudiu o saco com precaução e vendo a cabeça rodar no fundo, deu um passo atrás. Dom Jerônimo outro. E apoiando a mão nos joelhos, irrompeu:

— Monstruoso!

Carlos, adiantando-se para examinar a cabeça de perto, exclamou:

— Horrível!

Felipe, que chegava atraído pelo ruído, pôs-se de pé sôbre um tamburete. Eloísa grudou-se ao braço de meu pai. Juan, meio-chorando, tratou de subir para os joelhos de Maria. E esta, tão pálida quanto Ema, olhou com angústia para as colinas, esperando ver-me descer.

— Quem o matou? — perguntou Carlos a Juan Angel, que já havia serenado.

— A carabina do patrão.

— A carabina só? — exlamou dom Jerônimo rindo e ocupando novamente seu assento.

— Não, meu amo, apenas nhô Bráulio disse que devia a vida a ela...

— Então, onde é que está Efraím? — perguntou meu pai intranqüilo, olhando para Maria.

— Ficou lá na quebrada.

Neste momento minha mãe regressava à sala. Esquecendo que acaba de me ver, exclamou:

— Ai, meu filho!

— Já vem, observou meu pai.

— Sim, sim, já sei, respondeu ela. Porém, como terão morto êste animal?

— Foi um tiro aqui — disse Carlos inclinando-se e assinalando o furo com o dedo.

— Porém, é possível? — perguntou dom Jerônimo a meu pai, aproximando-se do braseirinho para acender um cigarro. E' possível que você dê a Efraím permissão para isto?

Sorriu meu pai, respondendo com certa satisfação:

— Dias atrás encomendei-lhe uma pele para pôr junto ao meu catre, e talvez tenha preferido trazer-me uma de tigre. (Cont. na pág. 42)

Tradução de LÚCIO CARDOSO

Desenho de RAMÓN



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital do seu país. Seus pais eram fazendeiros abastados do interior da Colômbia. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria se criaram como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim, depois de seis anos de ausência, voltou à casa paterna, se surpreendeu com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor se manifestou entre ambos. Os pais de Efraim não viram êsse namôro com bons olhos, pois que Maria sofrera um ataque suspeito de epilepsia — moléstia de que morrera a mãe — bem como porque o filho deveria ir para a Europa, a fim de aperfeiçoar-se em medicina. Nesse ínterim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça não sofria de ataques epiléticos, e que a longa vertigem que tivera não fôra causada por tal moléstia. Efraim parte para caçar em casa de uns amigos, onde mata um tigre. Após descansar lá, regressa para casa, ansiando por ver Maria. Em sua casa se acha Carlos, que também pretende a mão da moça.

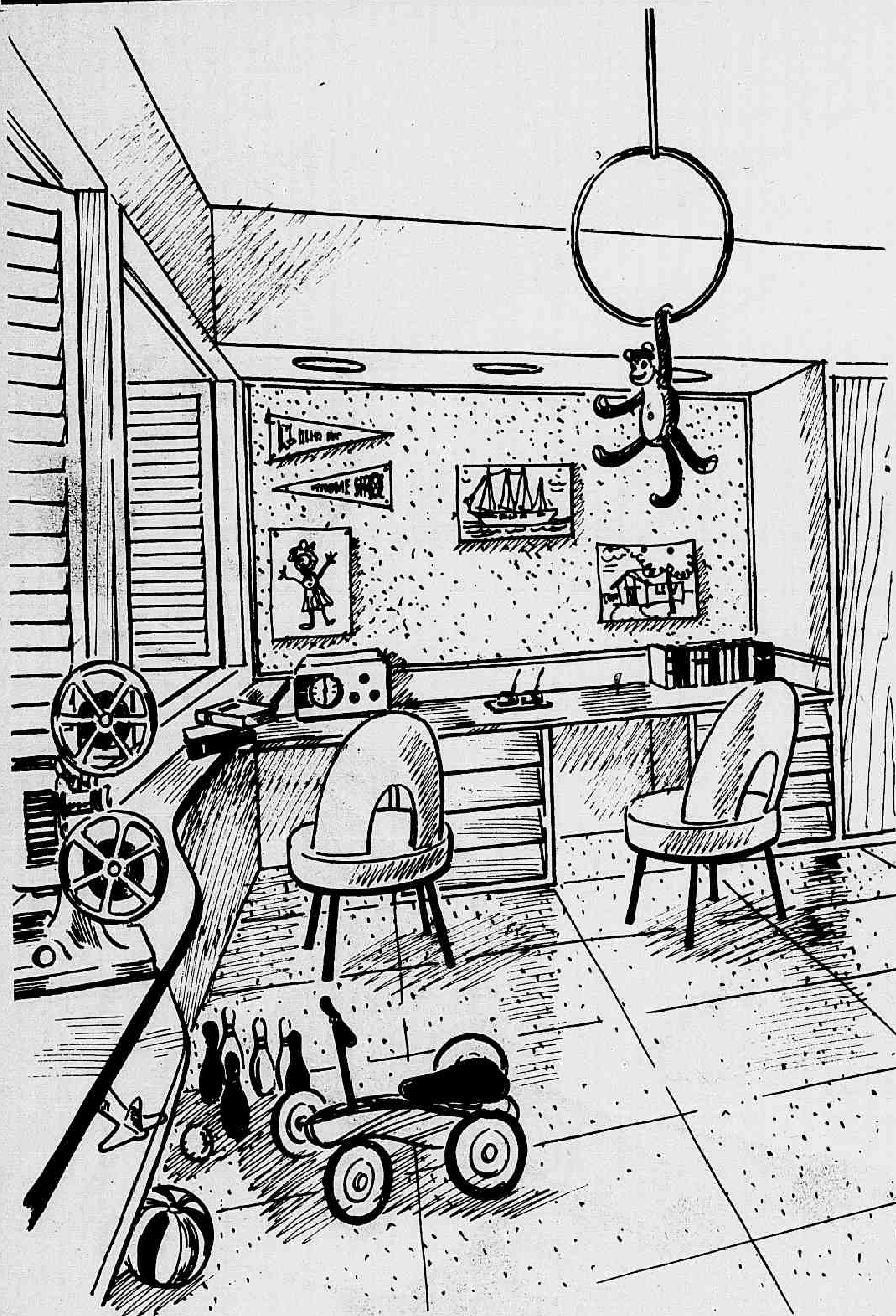


Casacos, "[illegible]" … obedecem [illegible]

● *Os casacos soltos, estreitos, e as listas, são a vedete de 1954. Em pique de algodão, amarelo pálido e branco, casaco reto com mangas três-quartos.*

● *A mulher elegante veste-se com simplicidade. Manteau de shantung sôbre vestido de seda branco. Chapéu grande. Flexibilidade e simplicidade são elementos indispensáveis às toilettes de cock-tail.*





SUGESTÃO PARA O LAR

● Um quarto de criança deve ser decorado de acôrdo com a idade de seu morador. Dos seis aos doze anos, o menino precisa ter espaço para seus brinquedos, e uma mesinha para os primeiros estudos, bem colocada, de forma a receber bastante luz PELO LADO ESQUERDO. O desenhista resolveu muito bem essas duas questões neste croquis:

★ Prateleiras em tôda uma parede fornecem espaço bastante para acomodações dos apetrechos infantis.

★ A escrivaninha embutida ao lado do guarda-roupa tem boa iluminação, tanto de dia (pela janela) quanto de noite, pelas três lâmpadas encaixadas em cima.

★ Muito prático, o grande quadro de celotex que forra a parede no fundo, sôbre a mesa de escrever. Aí pode a criança prender com tachinhas tôdas as gravuras, cartões, bandeirinhas e fotografias que lhe despertarem interêsse, e mudá-las quando lhe aprouver.

★ O adôrno no teto foi colocado em lugar no antigo lustre, já que a iluminação é tôda embutida e completada com abajures do outro lado do aposento, que não aparece no croquis.

★ O chão forrado com linoleum será mais aconselhável, do que revestido com tapêtes.



Notinhas úteis

● *TECIDOS PLÁSTICOS — Não ponha fora as cortinas plásticas do banheiro porque estão feias e velhas. Recorte as partes boas, sente-se na máquina, e faça saquinhos. Servirão para guardar meias, suéters, e tanta coisa mais!*

● *PÃO RALADO — Não rale grande quantidade de pão (farinha de pão) no mesmo dia. Com o tempo adquire um cheiro desagradável e um gôsto azêdo. É preferível preparar um pouco de cada vez.*

● *TRICÔ OU CROCHÉ DE LÃ — Se não quer que as roupas de lã que você tece em tricô ou croché, encolham com a primeira lavagem, tenha o cuidado de — antes de tecer — colocar os novelos em vapor de água fervendo. Depois, deixe-os secar bem, à sombra.*

● *CRISTAL — As peças de cristal — principalmente quando trabalhadas ou entalhadas — nunca devem ser mergulhadas em água fervendo. Os cristais das melhores qualidades podem rachar na água muito quente.*

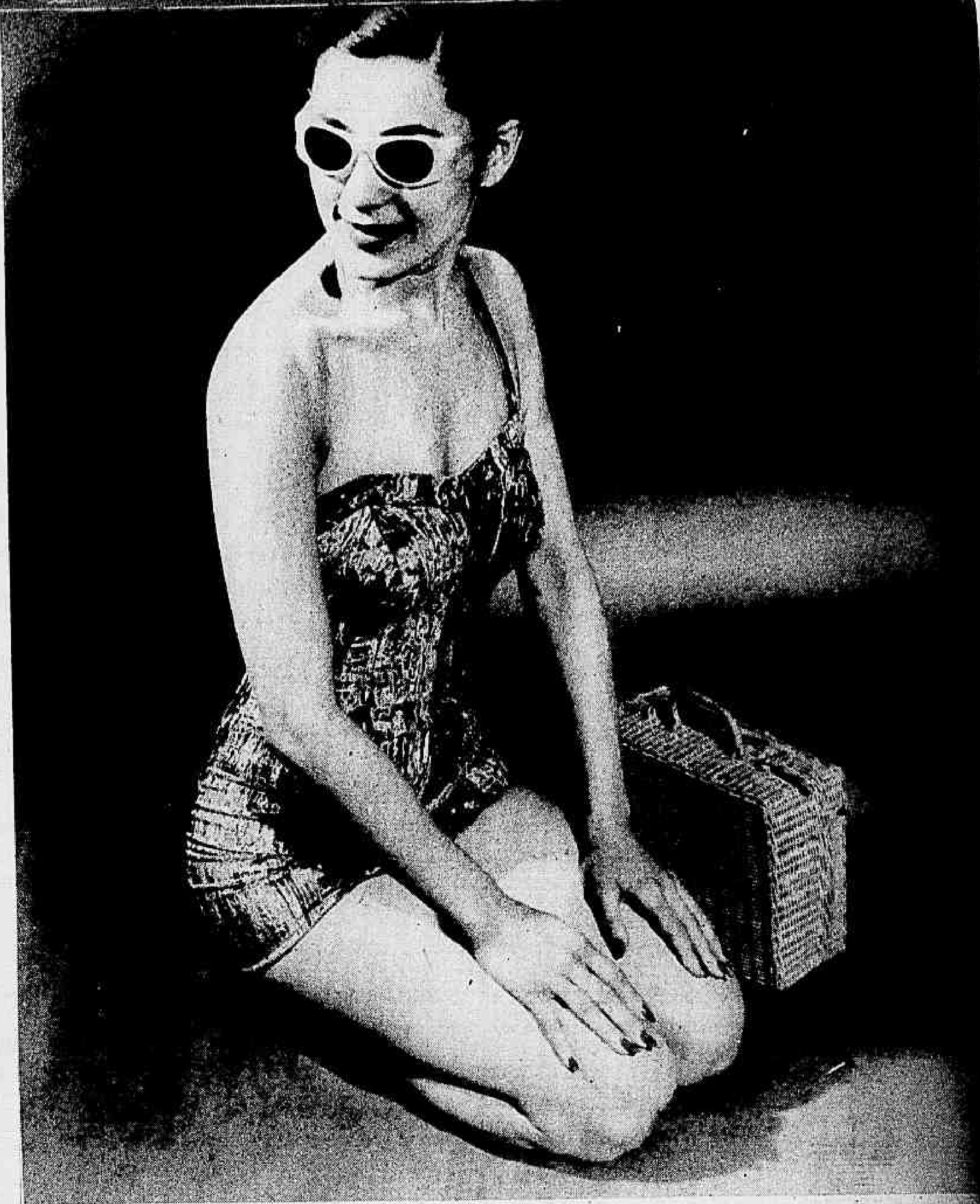
● *MÁRMORES — Uma pasta formada com sabão e vinagre é ótima para limpar mármores encardidos. Esfrega-se o mármore com fôrça, muitas vêzes, e depois lava-se com água, deixando secar.*

● *DESINFECÇÃO — Se por algum motivo você quer desinfetar a sua casa, basta queimar em cada aposento um pouco de flôres de piretro. Ficará perfeitamente desinfetada.*

UM POUCO DE BELEZA

DEZ MANDAMENTOS DE BELEZA

● Durante os meses de calor a beleza feminina deve ser uma expressão de saúde. Nada de cosméticos em excesso, penteados complicados, ou tualetes incômodas. Naturalidade, simplicidade, aliados a cuidados especiais de higiene, são necessários na época de calor.



1 — Alimentação

Suprima as dietas com muitas calorias, muitos doces e massas. Dê preferência às verduras e frutas. Carnes e peixes só com pouco tempêro ou môlho. Tome leite e coma ovos o suficiente para não enfraquecer o organismo. A água deve ser bebida em quantidade, fora das refeições, para compensar o líquido que perde o corpo com o suor. O sal deve ser reduzido.

2 — Repouso

Geralmente nos deitamos tarde no verão, porque as horas mais agradáveis são, exatamente, depois que o sol se põe. No entanto, é necessário que você não se esqueça que o repouso é o restaurador das energias — que se consomem em alto grau no verão. Durma tranqüilamente as horas de que necessita. Um banho pode ajudar a conciliar o sono e refrescar o corpo momentâneamente. O quarto deve ser bem ventilado.



3 — Transpiração

A transpiração é inevitável no verão, e todos sabemos que pode deixar-nos com aspecto lastimável. Comer pouco sal, para evitar beber muito líquido, soluciona em parte o problema. Além disso, existem cosméticos especialmente indicados para evitar a transpiração.

4 — Pele bronzeada

Durante o verão o bronzeado da pele torna inútil a aplicação de bases de maquilagem. Para se conseguir um amorenado bonito, não exponha a pele por muito tempo ao sol, principalmente no início do verão. Aplique óleo para bronzear, sôbre a pele, antes de expô-la aos raios solares.

5 — Queimaduras de sol

Constituem o pior inimigo da beleza, no verão. Proteja-se sempre, tanto nos dias de sol claro, quanto nos dias de mormaço... Procure não contrair os músculos do rosto, quando estiver no sol, para evitar um tostado desigual.

6 — Sardas e manchas

Algumas epidermes tendem a manchar-se, ao serem expostas ao sol; em outras, as sardas aumentam de número, ou tornam-se mais escuras. Uma boa receita para clarear manchas e sardas é esta: 5 gramas de perborato de sódio misturados com 50 gramas de vaselina sólida. Aplique sôbre as manchas.

7 — Cabelos

A exposição constante ao sol e ao vento resseca os cabelos. Portanto, se seus cabelos já são sêcos, unte-os com cremes especiais, principalmente nas pontas. Os cabelos naturalmente oleosos resistem melhor aos efeitos do verão.

8 — Ombros

O uso de maiôs e vestidos decotados exige belos ombros. Todos os dias, massageie-os com uma escôva, durante o banho. Aplique nos ombros um bom creme nutritivo, que deixará na pele ao dormir. Se tem muitos cravos e espinhas, use uma loção com enxofre em fricção vigorosa.

9 — Pernas

No verão as pernas devem estar perfeitamente tratadas, pois, apresentam-se sem meias. Lave-as com água morna e sabão. Passe pedra-pomes nos joelhos e calcanhares, se fôr preciso. Tire os pêlos com uma cêra depilatória ou com gilete. Massageie com um creme nutriente.

10 — Pés

Lave-os em água morna, esfregando com uma escôva e sabão. Use pedra-pomes nas calosidades. Trate das unhas dos pés, como das unhas das mãos, usando sôbre elas esmalte, preferivelmente de tonalidade clara.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ Week-end na cozinha ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

● Se as crianças têm alguma resistência em comer cenouras — tão nutritivas e tão recomendadas pelos pediatras — experimente variar a forma de prepará-las.

Tente, por exemplo, êsses «BOLINHOS DE CENOURAS» que são deliciosos!



1 — Meça 5 xícaras de «corn-flakes», e esmigalhe ainda mais, formando quase uma farinha grossa. Tome metade do «corn-flakes», e misture com 2 xícaras de cenouras amassadas, 2 ovos (bem batidos), 2 colheres das de sopa de cebola picadinha, e a mesma quantidade de pimentões picadinhos. Tempere com sal de alho (2 colherinhas). Acrescente uma pitadinha leve de pimenta, se lhe agradar.

2 — Forme os bolinhos de cenoura com o feitio de almôndegas achatadas. Passe-as no restante «corn-flakes». Frite em óleo ou gordura, bem quente, virando-as de vez em quando, para que fiquem tostados dos dois lados.

Sirva os bolinhos acompanhados de uma outra verdura, como bertalha, espinafre ou xicórea..

Pode variar, cubrindo-os, também, com um bom môlho branco com queijo. A receita foi calculada para 6 bolinhos de bom tamanho.

Acaba de sair

O ANUÁRIO BRASILEIRO DE IMPRENSA (1954)

Contendo a relação mais completa dos jornais e das revistas existentes no Brasil, o Anuário Brasileiro de Imprensa (1954) publica ainda:

— COMO OBTER PUBLICIDADE GRATIS nas colunas noticiosas e editoriais dos jornais. (O primeiro grande estudo, de caráter prático, publicado sôbre «free publicity» e Relações Públicas em língua portuguêsa).

— O INTERESSE DAS ILUSTRAÇÕES COMO FATOR DE IMPACTO PUBLICITARIO. (Descoberta das pesquisas motivacionais sôbre os temas de ilustracão que apresentam mais interêsse para os homens, para as mulheres e para os dois sexos simultâneamente. Relação de temas de elevado e de baixo interêsse para cada caso).

— O QUE FAZEM OS AMERICANOS PARA PROMOVER A CIRCULAÇAO DE SEUS JORNAIS. (Idéias e métodos para um jornal aumentar sua tiragem).

— PARA QUE UM «HOUSE ORGAN», OU PUBLICAÇAO DE UMA FIRMA SE TORNE INTERESSANTE. (As famosas 15 regras de Kenilworth H. Mathus).

— PANORAMA DA IMPRENSA BRASILEIRA EM 1954. (A posição política dos jornais, o aumento da publicidade e da circulação).

— ESTILO SOB MEDIDA PARA JORNALISTAS E «COPYWRITERS». (Um técnico brasileiro adapta ao português as teorias de Rudolf F. Flesch, que revolucionou a técnica de redação em inglês).

— PAGINA PAR OU ÍMPAR. (A resposta definitiva ao controvertido problema da colocação de anúncios através da condensação do livro de D. B. Lucas e Sewart Henderson Britt, «Psycology and Research»).

Centenas de notas, comentários, notícias, leis e decretos sôbre a imprensa, biografias, informações variadas sôbre tudo que diz respeito à imprensa e à publicidade.

ANUARIO BRASILEIRO DE IMPRENSA
(Edição da Revista PN)

A venda na Redação (Av. Rio Branco, 117 - 3º and. - s/323 — Tel. 52-4499 — RIO ou Largo Paissandu, 51 - 17º and. - s/1701 — Tel. 36-1062 — SAO PAULO), ou pelo Reembôlso Postal — Preço Cr$ 100,00 (mais Cr$ 10,00 pelo Reembôlso).

Número limitado de exemplares à venda.
Corte o cupom para pedir seu exemplar pelo Reembôlso:

A Emprêsa Jornalística PN S/A., Av. Rio Branco, 117 - 3º and. - s/323 — Rio de Janeiro. Peço enviar-me, pelo preço de Cr$ 100,00, mais despesas postais, o ANUARIO BRASILEIRO DE IMPRENSA (1954).

Nome ....
Endereço ....
Cidade .... **Estado** ....

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 16 E 22 DE OUTUBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não force, de qualquer modo, as soluções do seu interêsse. Deixe que as coisas venham naturalmente. No seu caso será melhor esperar. A precipitação o levará a um ponto além do desejado.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O ambiente astral da semana lhe será muito favorável. Poderá tomar, na oportunidade que lhe vai ser oferecida, as iniciativas planejadas. Tudo correrá a contento e em tempo recorde.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Na solução dos casos pendentes poderá impor sua vontade, seu ponto de vista. Sua ascendência será manifesta, o que lhe dará o poder de arbítrio nas decisões em que tomar parte. A palavra de ordem bem poderá ser a sua.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor atravessará uma semana promissora tanto para seu trabalho profissional, como para suas relações. O ciclo das suas amizades será proveitosamente aumentado. Ative os negócios.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Sua vida sentimental estará sèriamente comprometida na vigência da semana entrante. Não tome atitudes nesse particular, pois poderá agravar a situação, já desfavorável como se mostra.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não dê nem solicite crédito. A desconfiança será geral. O leitor mesmo será contaminado pela onda de suspeição reinante. Limite-se às ocupações ordinárias, aguardando oportunidades melhores. Elas virão.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Com moderação e prudência, o leitor poderá conseguir a realização dos seus desejos, no curso da semana. Suas possibilidades para conseguir o apoio de que tiver necessidade, serão máximas.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Se tiver de dar entrada a algum papel em repartição pública, não o faça nos dias 18, 20 ou 22. Não firme documentos, igualmente, nos mencionados dias. Êles lhe serão muito desfavoráveis, nesse particular.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Algumas modificações poderão ocorrer, na vida do leitor, durante a próxima semana. No seu horóscopo, a casa oito estará em destaque, felizmente favorável. Não há o que temer, portanto.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Uma boa notícia alegrará seu ambiente, no curso da semana. Os negócios terão curso normal e favorável, o mesmo acontecendo com os projetos em elaboração. Sua posição será mais forte, ainda, nos dias 19 e 21.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — As astralidades na próxima semana não se modificarão em relação ao leitor. As favorabilidades continuarão na vida profissional e doméstica, nas relações sociais e na vida sentimental, mesmo.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não inicie qualquer viagem na semana em pauta. Há fortes ameaças de prejuízos materiais e morais, decorrentes de uma mudança de meio. O melhor, no seu caso, é esperar um pouco.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro,	16	—	Elmano	—	Irma
"	17	—	Fernando	—	Siledi
"	18	—	Artur	—	Fernanda
"	19	—	Protásio	—	Vilma
"	20	—	Edgard	—	Mirta
"	21	—	Gentil	—	Maria
"	22	—	Ageu	—	Marta

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Outubro,	16	—	22º - 35' - 14"	(Signo da Balança)
"	17	—	23º - 34' - 46"	(" " ")
"	18	—	24º - 34' - 20"	(" " ")
"	19	—	25º - 33' - 56"	(" " ")
"	20	—	26º - 33' - 34"	(" " ")
"	21	—	27º - 33' - 15"	(" " ")
"	22	—	28º - 32' - 58"	(" " ")

AO SÔPRO DE UMA NOVA ESPERANÇA...

TEDDY DE OLIVEIRA

● O que a princípio parecia apenas uma vaga promessa de renascimento do cinema brasileiro, vai tomando com o tempo uma forma concreta que já permite ao cronista um comentário mais amplo sôbre o assunto. Falava-se há três meses atrás que os americanos estavam interessadíssimos na distribuição dos filmes brasileiros, e que haviam mesmo, discutido o problema a portas fechadas. O primeiro a ser chamado para a «nova batalha» foi o diretor brasileiro José Carlos Burle que andou até pela Cinelândia dizendo aos amigos que faria o musical «Feitiço da Vila» para determinada companhia distribuidora norte-americana. Depois, prevaleceu o silêncio e agora que tudo parecia apenas um sonho, eis que a mesma notícia volta a circular, insistente e positiva, lembrando que não se trata de um projeto absurdo, mas de uma iniciativa que pouco a pouco vai ganhando aspeto de coisa realizável.

Vim a saber que outro diretor, aliás muito discutido e combatido, recebeu proposta para entregar seus filmes à poderosa organização distribuidora norte-americana e está disposto a confiar nessa máquina infalível que de certo modo poderá modificar o panorama do atual cinema brasileiro. Sempre foi um problema, a distribuição dos filmes nacionais, e muito produtor queixou-se mais de uma vez da imperfeição do sistema adotado, justificando o recuo dos homens do capital, justamente porque não tinham resultados imediatos e compensadores. Os americanos, conhecedores do problema da distribuição, garantiriam ao filme brasileiro uma circulação mais rendosa e o que é melhor: prestação de contas regular.

Ao sôpro de uma esperança, movimentam-se agora os produtores brasileiros estudando com seriedade a viabilidade da iniciativa das companhias distribuidoras americanas. Prometemos voltar ao assunto para maior esclarecimento de nossos leitores, fãs do cinema nacional e desejosos todos de vê-lo sair do marasmo atual que tanta tristeza põe na alma dos que acreditam firmemente no seu futuro.

CINEMA BRASILEIRO

● Cavalcânti já deu início aos preparativos para as filmagens de «Capitães de Areia», argumento extraído do famoso livro de Jorge Amado. Cavalcânti iniciou a procura dos intérpretes, porém antes da filmagem virá ao Rio conversar com os críticos cinematográficos.

● Comenta-se nos meios cinematográficos brasileiros que algumas companhias distribuidoras norte-americanas manifestaram desejo de um entendimento mais amplo com os produtores nacionais. Um sôpro de esperança nova no ambiente de desolação do atual cinema de nossa terra . . .

● A «estrelinha» loura Julie Bardot faz sua estréia no cinema nacional em «Matar ou Correr». Inalda é outra que aparece pela primeira vez aos fãs brasileiros em «A Outra Face do Homem». Duas produções da Atlântida com lançamento marcado para muito breve.

● Não é muito certo que a Flama venha a produzir imediatamente «O Poeta da Noite», cine-biografia do compositor brasileiro Custódio Mesquita. Antes a Flama deverá produzir um carnavalesco sob direção de Luís de Barros.

● João Uchca, cantor por esporte, será o intérprete de Francisco Alves no biográfico da Atlântida «Chico Viola não Morreu».

● Arturo de Cordova está filmando em São Paulo nos estúdios da Multifilmes, «Leonora dos Sete Mares», segunda co-produção argentino-brasileira realizada pela dupla Roberto Acácio-Carlos Hugo Christensen.

FALA-SE EM HOLLYWOOD

● Comenta-se na capital do cinema que Rita Hayworth enviou todo seu guarda-roupa para seu costureiro pedindo que fôsse feito no mesmo um completo reajustamento de medidas. Dizem os mexeriqueiros que a atual senhora Haymes está esperando bebê. Será mesmo?

● Seguindo o exemplo rendoso de muitas colegas, Esther Williams anunciou que fará uma temporada nos cassinos de Las Vegas, deixando temporàriamente o cinema. Mr. Léo não gostou muito da resolução de Esther . . .

● William Holden ficou muito contente por haver sido escolhido para o papel principal de «Oh Men, Oh Women». Ùltimamente, Bill tem tido excelentes oportunidades nos estúdios de Hollywood, ganhando inclusive um «Oscar». É a glória completa!

● O que se diz em Hollywood é que a lindíssima «estrêla» Linda Darnell está felicíssima após seu casamento com o milionário Philip Liebmann. Êles estiveram passeando pela Europa e estão de volta. Linda declarou às amigas que seu espôso presenteou-a com uma fazenda no México, tão logo soube que ela adorava a vida ao ar livre . . .

● Dá-se como certo o casamento de Mitzi Gaynor com Jack Bean. Já escolheram até o local da lua-de-mel: as Bermudas.

FLAGRANTES



MAIS UMA SEREIA . . . — Elaine Stewart, do «cast» da Metro, é a «estrêla» escolhida por nós para figurar na série «Sereias do Cinema». Elaine, além de muito bela, possui um corpo tentador. Não concordam?

MONA FREEMAN parece não acertar muito com seus amôres. Divorciada de Pat Nerney, que já anunciou seu casamento com Jane Powell, Mona saiu muitas noites com Bing Crosby e quando todos já a consideravam a nova «sra. Crosby», ela dispensou a companhia de Bing e aceitou a côrte de Bob Neal, com quem aliás tem se divertido muito nas últimas semanas . . .

●

ANTHONY QUINN queixou-se da falta de sorte. É que êle preparava-se para partir rumo ao México onde pretendia passar algumas semanas de completo repouso. Acontece que por distração pisou num prego enferrujado e ficou de cama num repouso forçado . . .

●

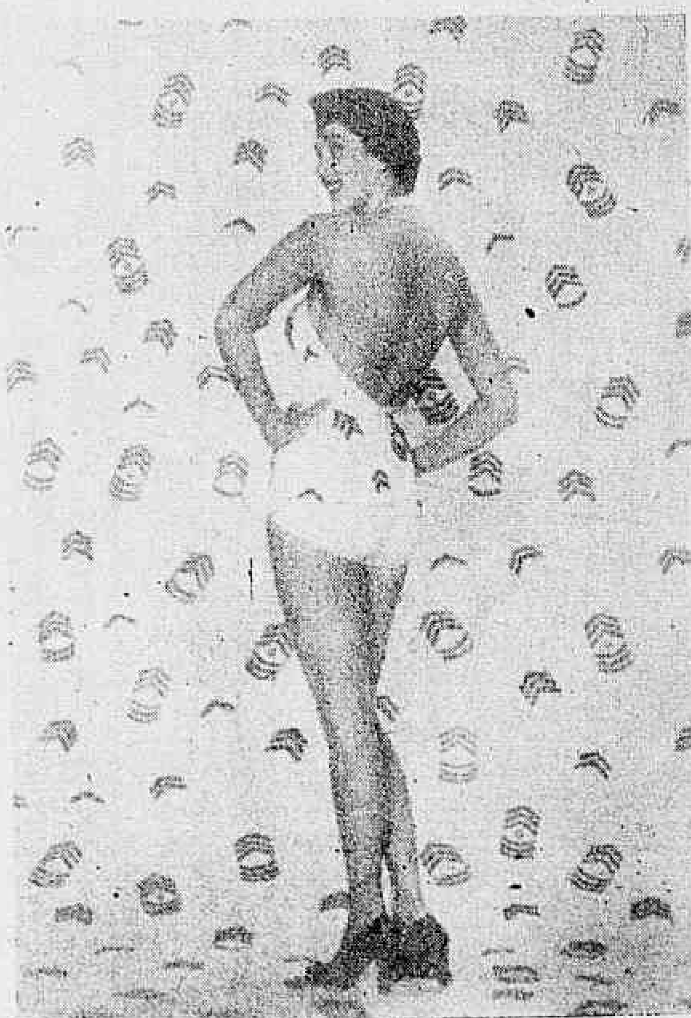
O ROMANCE de Eleanor Parker com o pintor Paul Clemens trouxe até agora bons resultados para a querida artista. Ela posou para o noivo muitas vêzes e acabou interessando-se pela pintura. Paul ensinou-lhe a arte e Eleanor conseguiu pintar algumas paisagens . . .

●

DE MILLE adora cenas monumentais em seus filmes. O veterano diretor está cogitando empregar para várias seqüências de «Os Dez Mandamentos», nada menos de dez mil extras!

●

HUMPHREY BOGART cantando uma velha canção de Natal é a nota pitoresca da comédia «We're no Angels». Dizem que a voz de Humphrey não é muito ruim . . .



JULIA É «PIN-UP» — A encantadora (e escultural) Julia Adams, uma das belezas do «cast» da Universal, exibe na foto seus dotes físicos e sua graça pessoal. Por tantos motivos ela foi transformada em «pin-up» . . .

MARISA PRADO SEM ESCALAS

Falando de amor, de cinema, de galãs, de pileques, de ilhas perdidas e do demônio.

Fotos VERA CRUZ

Texto de CARLOS MARIA DE ARAÚJO

Ping — Como se lembrou de fazer cinema?
Pong — Me acharam.
Ping — E como é que a acharam?
Pong — Não! Devagar...
Ping — Será que você é maliciosa?
Pong — Às vêzes...

Ping — Quais os requisitos do perfeito galã de cinema?
Pong — Que seja também galã na vida real.
Ping — Você então não gosta de embustes?
Pong — Detesto-os.
Ping — Sente mêdo diante das câmaras?
Pong — Mêdo, não. Respeito.

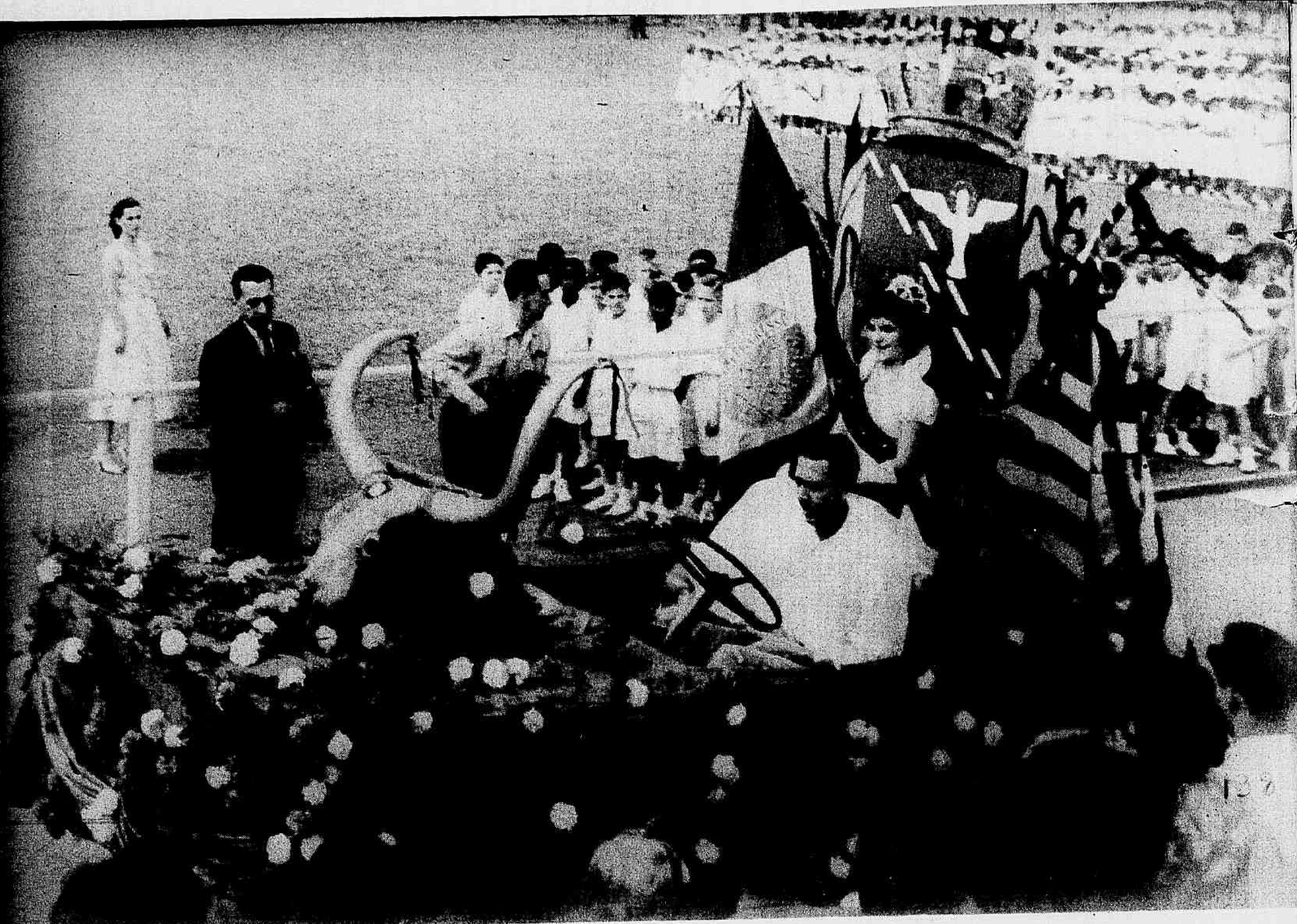


Prefiro o nosso cinema, para que ir buscar lá fora o que há aqui?

Ping — Você se considera uma mulher moderna?
Pong — Será que pareço figura de museu?
Ping — Já tomou algum pilequinho?
Pong — Eu já.
Ping — E que fêz você, no auge do pilequinho?
Pong — Canto: «olha a rolinha, sindô, sindô...»
Ping — Qual a sua opinião a respeito dos homens de bigode?
Pong — O bigode, quase sempre, é uma arma.
Ping — De ataque?
Pong — Não, de defesa. Os homens escondem a timidez, cofiando o bigode.
Ping — Qual o livro que mais gostaria de ter escrito?
Pong — A Cartilha Maternal.
Ping — E o que mais gosta de ler?
Pong — «Alice no país das maravilhas».
Ping — Se fôsse flor, qual gostaria de ser?
Pong — Uma rosa, assim pequenina.
Ping — Você nunca disse nome feio?
Pong — Às vêzes digo, mas fico depois muito encabulada.
Ping — Você acha que Amélia é que era a mulher de verdade?
Pong — Mariza é mais verdade.
Ping — Que petulância...
Pong — Petulância, não. Amélia é letra de samba. E eu estou viva...
Ping — Preferiria trabalhar no cinema europeu ou no norte-americano?
Pong — Eu prefiro o nosso. Para que ir buscar lá fora o que há aqui?
Ping — Mas o que é que há com o nosso cinema?
Pong — Ora o que é que há com o nosso cinema!
Ping — O que é mais bonito no mar?
Pong — O silêncio...
Ping — Por amor, cometeria um desatino?
Pong — Acho que sim.
Ping — Acha que poderia convencer o diabo a contracenar com você?
Pong — Sim, se êle fôsse ator...
Ping — E qual o papel que escolheria para êle?
Pong — O de anjo, quase quando ia ficar demônio.
Ping — Quem é mais importante: Porfírio Rubirosa ou Ali Khan?
Pong — Como galã, preferia outro homem qualquer. Êsses dois têm tanta mulher...
Ping — Então, qual o seu tipo ideal de homem?
Pong — Se Apolo não fôsse lenda...
Ping — Quem gostaria você de encontrar numa ilha perdida bem lá ao longe no mar?
Pong — Um pilôto, dentro de um helicóptero, para me tirar de lá. A solidão é ruim.



● Marisa Prado é flor, é cantar de fiozinho de água entre os rochedos, é estrêla d'alva, é um pouco de tudo que ainda resta de doçura neste mundo amargo. Veio, de mansinho, para São Paulo, entrou, de mansinho, para a seção de montagem da Vera Cruz e de lá saiu, serena, para diante das câmaras, tão cruéis, do cinema. E os refletores e as câmaras ficaram todos «carinho» quando a iluminaram e a filmaram. Não é imaginável de perna de fora nem cantando roucos dramas passionais. Vendo-a, a gente pode exclamar com o mais veríssimo dos éricos: — olhai os lírios do campo!



SÍMBOLO DA VIDA ECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE BARRETOS — A cabeça de gado de raça indiana (zebu) foi transportada num desfile de carros alegóricos, durante as festividades comemorativas da passagem do I Centenário da fundação de Barretos.

DURANTE AS FESTIVIDADES DO I CENTENÁRIO DA MECA DOS CRIADORES

BARRETOS REALIZOU A MELHOR EXPOSIÇÃO DE ZEBU DO BRASIL

O tiro que Getúlio deu no coração repercutiu na I Exposição Estadual de Gado de Raça Indiana, realizada em Barretos. ★ Trabalho para a melhoria do rebanho bovino. ★ Homens e coisas da mais famosa região de pastoreio de São Paulo. ★ Lutas contra o preconceito na criação de animais de corte.

Reportagem de ALDERABAN CAVALCANTI

NA paisagem rural brasileira Barretos ficou sendo conhecido como um dos mais importantes centros produtores de gado do Brasil. Com situação geográfica favorável, suas férteis terras irrigadas por dois importantes rios: Pardo e Rio Grande, Barretos comemorou o seu I Centenário como um dos municípios mais prósperos do País, contribuindo com grandes somas para os cofres federais e ocupando o 34º lugar em receita municipal do Brasil.

E foi cercado dessa fama de município criador e policultor que Barretos viu seus filhos desfilarem pelas ruas de sua cidade sede, depois de um século de existência.

PROSPERIDADE NO MEIO DAS TRAGÉDIAS

A vida pastoril de Barretos está ligada às grandes catástrofes. Seu primeiro impulso foi o resultado da sêca de 1870 e do grande incêndio que no mesmo ano destruiu suas densas matas, deixando o campo limpo que se prestava muito bem para pastagem de gado. Depois, em 1914, o consumo de carne de gado aumentou em conseqüência da I Guerra Mundial e Barretos viu ampliado o seu rebanho de corte. Em 1935, nova fase de prosperidade: a Guerra da Abissínia exigiu mais gado e o dinheiro voltou a entrar na cidade. Época houve em que Barretos recebeu aventureiros de tôda a parte do mundo. Mulheres suspeitas vinham diretamente de Paris, sem parar no Rio de Janeiro, para a Meca dos Criadores, onde homens de chapéus enormes, calças bombachas, música, mulheres, jôgo e tiros caracterizavam o ambiente. Era o sangue, a morte, o roubo, a violência, o vício e o desespêro que acompanhavam os grandes negócios bovinos sôbre uma terra rica e avermelhada.

VIDA AGRÍCOLA

E assim permaneceu Barretos por muito tempo. Agora, porém, sua fisionomia está mudada e a produção de uma variedade enorme de produtos agrícolas, inclusive o arroz, deu nova côr à vida local, criando mais responsabilidade nos seus habitantes, fixando-os à terra, diminuindo o número de nômades que iam ganhar dinheiro em suas terras, desaparecendo em seguida. Com 12 anos de policultura, a vida já melhou para os barretenses.

I EXPOSIÇAO DE BOVINOS DE RAÇAS INDIANAS

A despeito da situação psicológica do povo, foi inaugurada no dia 25 de agôsto último, em Barretos, a I Exposição Estadual de Bovinos de Raças Indianas. Não houve solenidade inaugural, pois, com a morte do então presidente Getúlio Vargas, o sr. Lucas Nogueira Garcez, governador de São Paulo, não pôde comparecer para presidir o ato.

UNIAO DOS CRIADORES

Com o sucesso apresentado pela I Exposição de Animais de Raças Indianas, os criadores de Barretos ficaram muito animados, isto porque a opinião dos técnicos registrou o grande progresso do gado Zebu. Muitos foram os prêmios justamente distribuídos, servindo de incentivo para maior avanço dos criadores na seleção de seus rebanhos bovinos.

Falando sôbre a Exposição e seus resultados, o dr. Raimundo Diniz disse-nos: «— Como diretor da Associação Rural do Vale do Rio Grande estou satisfeito. Cada dia que se passa obtemos novos sucessos. Em

1931 éramos apenas «União dos Fazendeiros e Invernistas de São Paulo»; em 1935, tínhamos constituído um Sindicato de classe; em 1941 realizamos o I Congresso Pecuarista do Brasil Central, em Barretos; e em 1942 fundamos a Federação das Associações Pecuaristas do Brasil, de onde nasceu a FARESP, que, com sede em São Paulo, tem, hoje, 201 entidades filiadas. Se a atual Associação de Pecuaristas do Vale do Rio Grande conta com dezenas de Associados, tem uma magnífica sede própria, no mais expressivo edifício de Barretos, estamos indo bem, porque há trabalho e cooperação por parte dos criadores, que devem sempre apoiar esta entidade na realização de conferências, na luta por melhores condições para a classe, quando surgem dificuldades jurídicas ou comerciais aos criadores de gado».

GOVÊRNO E CRIADORES

Falando sôbre a colaboração do govêrno paulista: «— O Departamento de Produção Animal de São Paulo muito tem contribuído para o nosso progresso, inclusive com a realização do «Fiding Test», que esclarece a influência da hereditariedade na engorda de cada animal, solucionando um sério problema do criador de bovinos. Já realizamos, em Barretos, «Fiding Test em 1951, 1952 e 1953, em colaboração com a Secretaria de Agricultura de São Paulo».

A vida de Barretos nestes últimos dias tem girado em tôrno do triângulo: política, gado e sêca. De fato, fazendo um calor insuportável, com o campo sêco à espera da chuva que não vem, o barretense reclama, de vez em quando, uma aragemzinha, um pouco de chuva e enquanto olha para o céu escuta os oradores políticos dos mais variados partidos que, depois de tanto tempo ausentes, lembram-se, afinal, que nasceram em Barretos, que ali estiveram ou sonharam, algum dia, em fazer uma visita «generosa e humilde» à terra dos bons rebanhos bovinos.

Na Praça Francisco Barreto, os criadores procuram o Café-Leiteria São Paulo, onde, de bombachas e chapéus de abas enormes, procuram conversar com os «mascates» de gado, falando sôbre as orelhas do Zebu, que, em certa época, já foi medida — como fazenda — aos metros. Era o tamanho das orelhas e não a estética do boi, sua conformação física, seu pêso e suas possibilidades de fornecer ao consumidor boa carne, que predominava. Podemos chamar de «Café-Negócio» aquêle ponto de encontro dos criadores onde corre, de mesa em mesa, um talão de cheque ou uma proposta de compra ou venda de novilhas Gir.

UM VELHO CRIADOR

Foi nesse Café que encontramos João de Oliveira Guimarães um dos mais conceituados criadores de bovinos de raças indianas, proprietário de fazendas em Barretos, Santa Teresa, Santa Lúcia e Amoreira. Com 40 anos de prática de criação de gado, tem êle contribuído consideràvelmente para a melhoria do rebanho, seleção do Zebu, fundação da Associação Rural do Vale do Rio Grande, apoiando tôdas as iniciativas que visem dar um melhor padrão científico à criação do gado em Barretos e no Brasil. Chefe de numerosa família (10 filhos) João de Oliveira Guimarães tem orgulho de seu rebanho (mais de duzentas cabeças de gado, na maioria registradas). Vitorioso com vários primeiros lugares alcançados nas exposições de São Paulo, Uberaba e Barretos, não se esquece êle de mencionar uma das suas maiores vitórias: a de ter possuído o maior raciador de Gir do país, o famoso reprodutor «Guilherme», do qual ainda mantém a linhagem na presença do boi «Indiano», neto de Guilherme com a famosa vaca «Indiana» e filho de «Sabaràzinha» com o reprodutor «Triunfo». Seu gado foi consideràvelmente reforçado em quantidade e qualidade com a aquisição de 51 cabeças de gado do rebanho de Cabeceiras de Nilo Lemos.

Sua maior satisfação: ter visto (17) reses, filhos e netos de «Guilherme» serem premiadas num só dia, numa só exposição. Tem grande aversão à fotografia e tido como um homem de bom coração. Ganhou na I Exposição Estadual de Bovinos de Raças Indianas, com a novilha «Raridade». No seu rebanho, considerado um dos melhores de Barretos, têm servido como reprodutores mais um filho de «Guilherme» com «Sabaràzinha» e de «Triunfo» com «Predileta», além do cobiçado «Indiano». É entusiasta das exposições e da distribuição dos prêmios aos ganhadores, pois considera isso um estímulo à melhor seleção de gado no território do Brasil, que, segundo afirma, na criação de Zebu já está vencendo a própria Índia. O Zebu, hoje, é gado preferido pelos frigoríficos e matadouros, porque oferece maior quantidade de carne e possibilita maior aproveitamento da rês abatida vencendo uma das maiores campanhas feitas, que criou um falso preconceito contra o boi de raça indiana.



UM DOS ASPECTOS da distribuição de prêmios aos criadores de Barretos, que concorreram à 1ª Exposição Estadual de Bovinos de Raças Indianas. O ganhador é o dr. Raimundo Diniz, presidente da Associação Rural do Vale do Rio Grande.



COM 5 ANOS DE IDADE, Indiano, neto do famoso raciador Gir «Guilherme», é um dos reprodutores mais cobiçados de Barretos. Seu criador: João de Oliveira Guimarães; seu habitat: Fazenda Santa Teresa, a 11 quilômetros do centro da cidade; seu valor: inestimável — um dos orgulhos dos criadores de bovinos de raças indianas do Vale do Rio Grande.



DETENTOR DO PRIMEIRO PRÊMIO de sua categoria, na 1ª Exposição Estadual de Bovinos de Raças Indianas, realizada em 25 de agôsto de 1954, em Barretos, São Paulo. PINGO tem 5 anos, é filho de um dos reprodutores Gir mais famosos, «Guilherme», com a fêmea «Luci». Puro Gir, nasceu na Fazenda Seragini, de propriedade de Alberto Seragini. Seu expositor, Paulo Seragini, considera-o de valor inestimável na atual fase de seleção dos bovinos de raça indiana (zebu). Constituiu uma das atrações do 1º Centenário da «Meca dos Criadores».



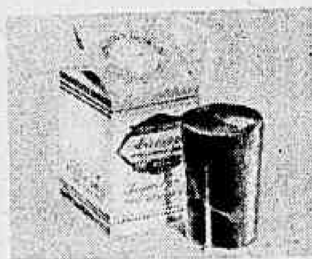
PURO BRÔTO DE FAZENDA. Daisy Caramuru Teixeira não quer saber das cidades grandes ou pequenas. Só vem a Barretos fazer compras, não quer nada com o asfalto e, com seu magnífico sorriso, vive a olhar os lírios do campo, rejeitando a vida de «flor» das cidades. Para Daisy, nada de vestido elegante — prefere roupa simples que facilite cavalgar. Dorme cedo e acorda logo que o dia amanhece. Não quis falar de amor nem de sonhos com a felicidade. Completou dezoito anos de saúde, jovialidade e beleza.



Como um banho de luz...

Sua beleza ganha vida nova e nova sedução sob o poder mágico de

ANTISARDINA



Antisardina é o creme ideal para sua cútis. Renova as células gastas, protege as células novas restituindo à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade. Cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o creme de beleza Antisardina extingue sardas, manchas, espinhas e rugas.



MARIA

(Cont. da pág. 30)

Maria já havia visto nos olhos de minha mãe o que poderia tranqüilizá-la. Dirigiu-se ao salão, levando Juan pela mão: êste, seguro à sua saia, e ainda assustado, quase não a deixava andar. Foi necessário levantá-lo, o que Maria fêz, enquanto dizia:

— Chorando, ah, que feio! Um homem com mêdo!

Dom Jerônimo, que chegou a ouvi-la, observou, mexendo-se em sua cadeira e atirando longe uma baforada de fumaça:

— Também êle acabará matando tigres.

— Olhe só Efraím transformado num caçador de feras, disse Carlos a Ema, sentando-se ao seu lado. E no colégio não manejava nem sequer uma atiradeira! Mas... lembro-me que em outra época eu o presenciei dar bons tiros na lagoa de Fontibón. E essas caçadas são freqüentes?

— Outras vêzes, respondeu-lhe minha irmã, já caçou com José e Bráulio, e matou lobos bem bonitos.

— E eu que imaginava ter de insistir muito para que fizéssemos amanhã uma caçada de veados! Foi pensando nisto que trouxe minha carabina inglêsa.

— Êle terá muito prazer em se divertir consigo. Se ontem tivesse vindo, já hoje teriam ido ambos à caça.

— Ah, sim... Se eu tivesse sabido.

Mayo, que deveria ter estado na cozinha, passou pela sala. Diante da cabeça, estacou — eriçando o cangote, deu primeiro um cauteloso rodeio, aproximando-se enfim para farejar o objeto. Voltou para dentro a galope e, estacando novamente na sala, começou a uivar. Não me encontrava e, talvez, o instinto o advertisse que eu havia corrido perigo.

Meu pai impressionou-se com os uivos; era homem que acreditava em certa classe de prognósticos e agouros, preocupações de sua raça, das quais não podia prescindir por completo.

— Mayo, Mayo, que se passa? — disse acariciando o cachorro, e com mal dissimulada impaciência, Êste menino que não chega...

Nesta altura entrava eu na sala, com um traje que só me facilitava ser reconhecido, e assim mesmo de muito perto, por Transito e Lúcia.

Maria ali se achava. Apenas tivemos tempo para trocar um sorriso e uma saudação. Juan, que estava sentado no colo de Maria, disse-me em sua língua atrapalhada, quando eu passava, mostrando-me a porta do corredor:

— O «negócio» está ali.

Entrei na sala sorrindo, porque me parecia que o menino fazia alusão a dom Jerônimo.

Dei um estreito abraço em Carlos, que avançou para receber-me: e por aquêle instante esqueci quase tudo o que naqueles últimos dias havia sofrido por sua causa.

O senhor de M. estretou cordialmente minhas mãos entre as suas, dizendo:

— Vamos, vamos! Como não estaremos velhos, se todos êstes meninos já se converteram em rapazes?

Encaminhamo-nos ao salão; Maria já não estava nêle.

A conversação girou sôbre a caçada, e fui quase desmentido por dom Jerônimo, ao assegurar que o êxito dela se devia a Bráulio, pois colocou diante de mim o que havia dito Juan Angel.

Ema me fêz saber que Carlos havia vindo preparado para que fizéssemos uma caçada de veados: êle se entusiasmou com a promessa que fiz de proporcionar-lhe uma linda partida nas imediações da casa.

Assim que minha irmã saiu, Carlos quis me fazer ver sua carabina inglêsa, e para êsse fim dirigimo-nos ao meu quarto. Era a arma exatamente igual àquela com que meu pai havia me presenteado quando de meu regresso de Bogotá — e acudiram-nos recordações de nossa vida estudantil. Falou-me de Emídio e de suas novas relações com êle, e riu-se de bom grado, recordando-se do cômico desenlace dos amôres de nosso amigo com Micaelina.

Carlos havia regressado ao Cauca oito meses antes que eu. Durante êste tempo suas suíças haviam melhorado, e a negrura delas fazia contraste com suas faces rosadas. Sua bôca conservava a frescura que sempre a fizera admirável, a cabeleira abundante e meio crespa sombreava sua fisionomia, de ordinário serena como a de um rosto de porcelana. Decididamente era um bom moço.

(Continua no próximo número)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.................................

RUA........................ Nº.....

CIDADE...............................

ESTADO...............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

FERNÃO DIAS PAIS



OTTO SCHNEIDER

● No decorrer de 1950 e 1951, o sr. Leonardo Arroyo manteve uma seção dominical num matutino paulista sôbre as igrejas da capital bandeirante, e como «l'appétit vient en mangeant», o trabalho inicialmente só jornalístico acabou se transformando em séria pesquisa sôbre os templos paulistas e sua relação com a crônica da cidade.

Dali, por sua vez, foi que nasceu êste belo volume de 408 páginas, com vinhetas de Orlando Matos e 51 fotografias fora do texto, que o editor José Olímpio incluiu recentemente entre os Documentos Brasileiros. Intitula-se a obra: «Igrejas de São Paulo».

Queixa-se o sr. Leonardo Arroyo — e certamente com razão — de que vários arquivos lhe tenham permanecido fechados, «por incompreensão ou por zêlo excessivo dos seus responsáveis». Mas, soube compensar êsses embaraços. Assim, a história que nos conta da igreja de São Bento é uma das mais completas do livro, e das mais pitorescas.

Na realidade, houve mais de uma igreja de São Bento na capital paulista, a primeira erguida entre 1598 e 1600 por frei Mauro Teixeira. No mosteiro anexo é que foi refugiar-se, em 1641, Amador Bueno quando o quiseram fazer rei de São Paulo.

Nove anos mais tarde, a igreja de São Bento voltou a figurar nos velhos anais, desta vez ligada ao nome do fabuloso Fernão Dias Pais, o rompedor de sertões e caçador de esmeraldas. Vendo a pequenez da igreja e do mosteiro, propôs-se mandar construir outro templo, mais espaçoso, todo à sua custa, impondo porém duas condições: a de ser protetor da igreja e a de ter no altar-mor uma sepultura para si e duas mais para seus descendentes legítimos e «assim mais os filhos e filhas naturais, que o dito capitão tiver».

Efetivamente, morrendo Fernão Dias Pais nos sertões de Sumidouro, em 1681, foi seu corpo transportado para a igreja de São Bento. Quando, por volta de 1922, se procedeu à demolição do velho templo para substituí-lo pela moderna Basílica abacial, procedeu-se com cuidado e carinho a fim de salvar os restos do grande bandeirante.

— «Aberto o tosco jazigo — escreveu na ocasião o historiador Afonso de E. Taunay — foram encontrados um fêmur de homem agigantado, duas ou três vértebras do sacro, pedaços de parietal e occipital, a que aderiam restos de cabeleira ruiva, encanecidos, de cabelos muito finos, de indivíduo indubitàvelmente branco. Ao lado havia duas solas de sapatos, sem salto, bem conservadas, pedaços de cordão como os de São Francisco e galão de prata, e o que é mais curioso, uma grande funda de ferro guarnecida de couro para hérnia, apoiada numa cinta também de ferro e cujo uso devia ser sobremaneira incômodo para indivíduos menos rudes que o estóico bandeirante»...

GODOFREDO RANGEL

Nascido na cidade de Três Corações, Minas, em 1884, foi José Godofredo de Moura Rangel uma das mais fortes vocações literárias do Brasil. Em São Paulo, onde se formou pela Faculdade de Direito, tornou-se um dos mais íntimos amigos de Monteiro Lobato com quem trocou larga correspondência, durante 40 anos. Em 1917, Godofredo Rangel estreou com «A Falange Gloriosa», romance que saiu publicado em folhetim no Estado de S. Paulo. Outros romances se seguiram: «Vida Ociosa», «A Filha», «Os Bem Casados». Excelente tradutor, verteu para o português mais de 50 obras, dentre as quais algumas indispensáveis à cultura moderna. Godofredo Rangel morreu em 1951, com 67 anos, em Belo Horizonte. Agora, as Edições Melhoramentos, na série Ficção Nacional, estão reeditando alguns volumes do grande escritor mineiro. Já saíram «Falange Gloriosa», «Os Bem Casados» e «Vida Ociosa».

Trovas

"Amo-te muito!" ela disse,
um dia, tôda gentil...
Mas o dia em que ela o disse,
era primeiro de abril!

★

O poeta é um ser profundo
que, nos seus dias tristonhos,
despreza os sonhos do mundo,
mas enche o mundo de sonhos!

Morre um ano... nasce o outro...
e não muda esta verdade:
morre sempre uma ilusão...
sempre nasce uma saudade...

★

Com minha ex-futura sogra,
na noite de ontem sonhei...
E hoje, no jôgo do bicho
joguei na cobra... acertei!

LUIZ HOMEM DE ALMEIDA em "Na Encruzilhada das Veredas"

A GAGUEIRA DE MACHADO

Conversando com Machado de Assis, conhecida atriz brasileira observou que o grande romancista falava bastante fluentemente.

— Ora, imagine que me disseram que o senhor era muito gago! Mas estou vendo que não é tanto assim...

Num assomo de irritação, Machado, que não gostava de ouvir qualquer alusão à sua gagueira, gaguejou:

— Calúnias, minha senhora. Calúnias! Também me disseram que a senhora era estúpida, e estou vendo que não é tanto assim...

"EDUCAÇÃO SEXUAL"



● Êste livro, recém-lançado pela Editôra Globo, nasceu no trato diário com a mocidade estudantil e com os serviços de assistência à maternidade e à infância. Sentindo ao vivo os erros e deficiências da formação de uma grande parte do nosso povo no que toca aos assuntos sexuais, muitas vêzes mal compreendidos e mal situados, é que veio à autora — Margarida Sinai Neves — o desejo de contribuir, com a sua experiência da realidade brasileira, para uma sadia e verdadeira educação sexual. Seu livro de 240 páginas é claro, bem explicado, natural, simples, e escrito sem vulgaridade. Numerosas ilustrações acompanham o texto. Eis uma obra igualmente recomendável aos pais e aos jovens.

CENTELHA DE VIDA

● A Livraria José Olímpio Editôra acaba de publicar o novo romance de Erich Maria Remarque — «Centelha de Vida» — com que o autor de «Arco do Triunfo» volta a entrar em contato com os seus leitores de língua portuguêsa. Remarque, nome bastante conhecido no Brasil desde o seu famoso «Nada de novo na frente ocidental», é autor inteiramente dedicado aos temas de nosso século, antes de tudo aos da guerra e suas terríveis conseqüências, que êle conheceu de perto quando incorporado ao exército alemão no conflito de 1914. Ainda agora, nas páginas de «Centelha de Vida», volta o grande escritor a usar a guerra como fundo de cena, muito embora em suas conseqüências e não através da realidade dos combates. «Centelha de Vida» é a história de um grupo de homens aprisionados num campo de concentração da Alemanha, nos últimos meses da aventura nazista — o campo de Mellner — e dos horrores praticados pelos fanáticos hitleristas. É um quadro de pavor e de sofrimentos quase inacreditáveis, e, por isso que animado pelo grande talento de um romancista consumado, cheio da mais pungente emoção.

OBSCURIDADE



● «Alguns escritores, que não pensam claramente — diz Somerset Maugham em «Confissões» — têm tendência a supor que os seus pensamentos possuem significação maior do que à primeira vista parece. Para êles, é lisonjeiro pensar que são demasiado profundos para se expressarem tão claramente que todos os possam ler, e naturalmente não lhes ocorre que a falta é do seu próprio espírito, que não possui a faculdade da reflexão precisa. É muito fácil convencer-se de que uma frase não muito inteligível pode significar muito mais do que a gente imagina. Daí é apenas um passo para o hábito de escrever as próprias impressões com tôda a sua original nebulosidade. Os tolos estão sempre prontos a descobrir-lhes um sentido oculto...»



Gina, a decisiva, apresentou-se em Nova York com vestidos exclusivamente feitos em Roma, como protesto.

DIZ MARTINE CAROL:

DIOR É CONTRA A NATUREZA

Continua a guerra das mulheres que se despem bem. ★ Relembrando Zsa Zsa Gabor. ★ Os escândalos de'Marilyn. ★ Jane Russel, a bem dotada. ★ A perfeita linha Dior.

CHRISTIAN Dior, o famoso costureiro parisiense, se não conseguir impor sua nova e revolucionária linha, a que muita gente já chama um tanto irônicamente de «linha justa Dior», pelo menos terá visto seu nome discutido em tôdas as revistas e jornais do mundo. E o que é mais importante, louvado e injuriado ao mesmo tempo pelas mulheres mais belas e mais famosas dêste planêta. Essa linha famosa que o costureiro inventou, na verdade não passa de uma reminiscência da esquisita moda que fêz furor aí por volta de 1925.

É interessante recapitular, pois 1925 marca exatamente o apogeu do cinema americano, quando os «astros» e artistas de Hollywood, liderados pelo ultra-célebre Rudolph Valentino, enchiam os cartazes do mundo e constituíam através da tela prateada verdadeiros ídolos das multidões. A própria América, um tanto desorientada, contemplava atônita êsses deuses que havia fabricado. Chamavam-se então não Gina Lollobrigida, nem Martine Carol, nem Jane Russell, mas Mae Murray, Pola Negri, Gloria Swanson. Era a época conhecida como a dos «twenties», os famosos anos 20 que iriam redundar na bancarrota financeira de Wall Street. O dinheiro jorrava, a lei sêca abria cassinos clandestinos por tôda a América, fabricava-se «gin» ordinário, dançava-se o «charleston» e saudava-se a carreira nascente de Clara Bow e Sally Eilers. Os chapéus eram pequenos e enterrados na cabeça, chamados tipo «cloche», os vestidos tinham a cintura quase nos pés e geralmente um pendente lateral — simplesmente horroroso. Havia também o cabelo chamado «ventania», que era todo de pontas repicadas, puxadas para o rosto, mais ou menos como agora se está usando de novo. Pois foi esta moda esquisita, e tão representativa de uma época de desequilíbrio e superfetação, que Dior foi desenterrar dos velhos álbuns, imaginando a linha justa, fronteira, que encobre os seios.

Foi aí que a barulhada começou, pois estamos vivendo exatamente a época dos contornos fartos, que os italianos lançaram com tão grande estridor no mundo inteiro. Quem não se lembra das curvas mais do que pronunciadas de Silvana Mangano em «Arroz Amargo»? E Eleonora Rossi Drago, Pampanini, Alida Valli, e tantas outras atrizes que sempre se destacaram por uma certa exuberância do corpo?

Os americanos não tardaram em corresponder ao apêlo, e assim tivemos Jane Russell, mais conhecida como «O busto», famosa desde sua «performance» em «O proscrito». Mas não apenas a Russell é assim famosa nos Estados Unidos, Marily Monroe idem, e todos sabem que a carreira de Marilyn começou com uma demonstração total de seus poderes. Depois dêste escândalo, as portas de Hollywood estavam abertas para ela. Começou-se a importar também artigo estrangeiro, e assim surgiram, por exemplo, Corine Calvet, que é francesa, e Zsa Zsa Gabor, que é



Aqui está a causa de todo, a feia moda de 1925, que inspirou Dior para a sua nova linha — a da mulher sem busto.

NOTÁVEL

O ANUÁRIO DO ESPORTE ILUSTRADO



1954

Cr$ 20,00

ESTÁ A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE REVISTAS DO BRASIL

Pedidos pelo Reembôlso Postal à redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio

JANE RUSSELL TEM RAZÃO

SÔPRO FORTE E 94 VELAS

PETER

● Antes de mais nada, vamos ao dicionário ver o que quer dizer «flat». Lá está: chato, liso, unido, insípido, etc., etc. A medida que o elevador subia para o terceiro andar da «Casa Canadá», onde, pela primeira vez, seria apresentado à Sociedade o famoso «Flat Look», foram-me passando pela cabeça as frases de indignação de artistas italianas (famosas por suas acidentadas topografias) contra esta nova linha de Dior. Principalmente, martelava-me na cabeça a frase da famosíssima e muito antiga Mae West: «Essa moda só poderá convir a Christine Jorgensen, que foi homem outrora . . .»

Sentei-me, vi Vania, Rosemarie (é a primeira vez que a vejo desfilar), Maureen, Barbara, Nicole e Helga passarem os belos vestidos das coleções de Fath, Dior, Givenchy e Lavin. Olhei o mais que pude e, sinceramente, achei que o «Flat Look» não tinha tido o poder de tirar os encantos dessas belas e bem andantes moças. Não houve mesmo reação do público, em face da novidade. Mesmo porque algumas daquelas senhoras presentes ao desfile já haviam usado alguma coisa muito parecida com o «Flat», em 1920 (que elas me perdoem). Creio que houve um engano. Ao contrário do que se diz, «Flat Look» não aperta nada. Quem tem o seu (digo, os seus) continua com êle. Apenas, não apertando a cintura, não dá relêvo aos ditos.

Três vestidos fizeram especial sucesso naquela tarde: «Linha H», de Dior (adquirido pela sra. Leda Galliez que o vestiu, na mesma noite, no jantar oferecido ao embaixador Décio Moura), «Jollie Madame», de Balmain, e, finalmente, «Moulin Rouge», um belo vestido que contou com a categoria de Helga para valorizá-lo mais ainda, também de Dior.

O salão de desfiles ficou completamente lotado, estando presentes as sras. Otávio Guinle, Vicente Galliez, Vitor Lage, Bob Winans, Joaquim Monteiro de Carvalho, Gratuliano Brito, Carlos Laet, Celina Simon e Colasso Pitaluga e a cronista Marilu Montenegro.

Quando o modêlo nº 72 passou, encerrando o desfile, 684 mãos aplaudiram as coleções que tinham sido apresentadas. Olhei para o sr. Peliks (o ditador da moda), que tinha ao lado a elegante e simpática sra. Jack Peliks, e vi que, com razão, sorria satisfeito. O Rio tivera mais uma tarde de sucesso e elegância graças à «Canadá». A saída tomei ainda alguns conselhos técnicos com o sr. Zacharias do Rêgo Monteiro que se mostrava impressionado com os relevantes argumentos das artistas italianas.

D. ADÉLIA CARDIM

Tendo à sua esquerda o presidente da República, envolvida pelos filhos, netos e um bisneto de 15 anos, a sra. Adélia Cardim com um só e fortíssimo sôpro apagou as 94 velas que enfeitavam o seu bôlo de aniversário. Entre os presentes notamos a presença do casal Alvaro Catão, sra. E. G. Fontes, srs. Prado Kelly, sr. e sra. João Borges, embaixador da India e senhora, enfim, esta fôlha seria curta para todos os nomes. Foi um acontecimento elegante, principalmente, bonito.

A FRANCESA DE FAROUK

Através de certo diplomata brasileiro, atualmente na Europa, foi feita oferta a um dos jornais brasileiros das memórias da última «namorada» do ex-rei Farouk. Esta moça pretendia vender (400.000 cruzeiros) seus últimos noventa dias de intimidade com o gordo ex-soberano, justamente seus últimos três meses de reinado. O órgão da imprensa respondeu negativamente. Achou caro.

QUEM SERA A «CHARM GIRL»?

As srtas. Barly Belhan, Lygia Cotta e Baby Vignoli convidaram-me para um «cock-tail» que teria como finalidade reunir as moças (20) que desfilarão no próprio dia 29 de outubro, para a escolha da «Charm Girl». Algumas das moças que desfilarão: Zaida Saldanha (2ª colocada «Miss Brasil»), Zanny Roxo, Helena da Veiga Wilberg (Rainha dos Jogos da Primavera), Vera Lúcia Pericé representante da AABB no desfile Bangu), Marilena de Albuquerque, Ana Maria Seabra Ribeiro, Marly Daisy Silva e Adyr Suaid. Será preciso dizer que o desfile será um sucesso?

«VOGUE» NOVAMENTE

Sob nova orientação, reabriu o «Vogue Cinelândia Cabeleireiros», com um «cock-tail» e muitas máquinas modernas de fazer beleza. Realmente, ficou muito boa a nova decoração feita por Júlio Espinosa. Boa sorte a proprietária que está estreando neste novo gênero de atividade.

HORACINHO FÊZ FALTA

Foi notada por diversas pessoas a ausência do sr. Horácio de Carvalho Neto ao desfile de modas da «Casa Canadá». Em dias de festa naquela casa, o jornalista citado costuma ficar muito sério, tomar notas, confabular, consultar a sra. Horácio de Carvalho e, no dia seguinte, sai publicada sua opinião no «Diário Carioca». O sr. Peliks foi uma das pessoas que me perguntou por êle.

JANTAR NO «COPA»

No momento em que escrevo esta coluna, está tendo lugar o jantar oferecido, no Copacabana Palace, ao simpático e jovial ministro Valdemar Marques. Embora organizado pelo jornalista Augusto Aguiar (grande atividade), o autor da homenagem é o sr. João Austragésilo de Athayde.

CRÔNICA SOCIAL

Acontece que não há melhor lugar do que nesta coluna para fazer um elogio público a êstes batutas «Cosme e Damião» que são o sossêgo da gente que vem sempre tarde da noite para casa. É com satisfação que a gente vê todos os pontos de táxi pedirem a assistência da Polícia Militar. Dá um certo orgulho, no meio de tanta desilusão.



A sra. C. Simon decorou a noite carioca

GENTE DA NOITE

● Anos atrás, você poderia calmamente sentar-se numa poltrona e bater, durante longas horas, o maior «papo» com a sra. Maria Celina Simon que é das criaturas mais agradáveis que Deus botou em Ipanema. Mas, do dia para a noite, por motivos financeiros, teve que deixar de ser uma simples curiosa no setor decoração (dava conselhos às amigas) para se tornar a profissional cem por cento que é hoje. A sra. Celina Simon dedica-se não só com gôsto e tenacidade à sua ocupação, mas o faz — o que é muito importante — numa base profissional. Fêz seus primeiros estudos artísticos na Europa e, mais tarde, no Brasil, continuou se interessando pelo assunto, tentando harmonizar volume, côr, disposição e linhas. A lista de trabalhos já realizados por esta esplêndida decoradora — pelo seu tamanho e alta qualidade — dizem bem de seus méritos.

Já decorou casas, apartamentos, escritórios, clubes, mas salientaremos aqui seus excelentes trabalhos, no «Casablanca», como decoradora e, em «Esta vida é um carnaval», como cenógrafa. Talvez a sua mais importante decoração ligada à vida noturna carioca seja a do futuro «Sacha's», onde se verá, pela primeira vez, um bar montado com preocupação artística. Haverá, inclusive, um Lurçat (ela é representante do artista no Brasil), com suas estrêlas mágicas, estranhas e belas. A sra. Celina Simon, certamente, está decorando a noite. E com grande sucesso.



A NOVA LINHA É QUASE SAUDOSISTA, MAS O ES SEN



As sras. Gratuliano Brito, J. Oliveira Roxo, Waldo de Abreu e Colares Moreira assistem com grande atenção.



Aspecto geral do grande público, feminino e elegante que foi assistir ao desfile das novíssimas coleções.



As sras. Antônio Leite e Luís Felipe Raposo discutem um detalhe do vestido jovem do moço Givenchy.

O "FLAT LOOK" não aperta ninguém



Texto de PETER Fotos de A. FERREIRA e CARLOS

PELA primeira vez, no Brasil, ia ser apresentada a tão comentada, discutida e combatida linha de Dior, o «Flat Look». Coube à «Casa Canadá de Luxe» a missão de apresentar à Sociedade a nova moda que tem provocado revoltados pronunciamentos das curvilíneas artistas italianas. Mais de trezentas pessoas de nosso «Café Society» (habilmente colocadas pelo sr. Zacharias do Rêgo Monteiro) esperavam ansiosamente o começo do desfile que apresentaria as coleções de Fath, Givenchy, Lavin, Dior e outros costureiros franceses. Mas, de um modo geral, a maior curiosidade residia em ver de perto o tão falado «Flat Look», de Dior. Assim que o sr. e sra. Jack Peliks tomaram seus lugares, Vania deu início ao espetáculo, logo seguida de Rosemarie, Maureen, Barbara, Nicole e Helga. Vi tudo com o maior cuidado e observei, principalmente, que as senhoras presentes ao desfile não reagiram — como se esperava — muito vivamente à apresentação da nova linha de Dior. Há muito de parecido entre a nova moda e aquela das «melindrosas» de 1920.

ES SENCIAL É NÃO PERDER A DITA — NA HORA DE BEM VESTIR



As senhoras Alexander Mc Gregor e Jack Peliks trocam impressões, momentos antes do desfile.



O Embaixador da Moda e senhora J. Peliks olham com satisfação a grande parada de elegância e bom gôsto.



As senhoras Leda Galliez e Maria Celina Simon discutem detalhes com o colunista Jacinto de Thormes.

"FLAT LOOK"

Creio que tôda esta «onda» contra o «Flat Look» começou com a tradução, ao pé da letra, do vocábulo inglês. Realmente, a nova linha não achata coisa alguma. É impossível negar ou «aplainar» certos dotes femininos evidentes. O que a nova linha faz é não lhes dar mais relêvo, uma vez que não marca a cintura. Evidentemente, a famosa Gina Lollobrigida tem certa razão (de ordem pessoal) ao se revoltar contra a moda que não põe em relêvo uma das mais encantadoras facêtas de seu tão decantado talento plástico. Mas, o fato concreto é que ao passar o 72º modêlo, todos os presentes se puseram de pé e aplaudiram a elegante iniciativa que nos permitiu ver de perto a mais discutida de tôdas as «linhas». Estiveram presentes e ajudaram a bater palmas as sras. Otávio Guinle, Regina Pereira Coelho, Euza Barreto, Leda Galliez (comprou o belíssimo vestido de Dior, «linha H»), Carlos Laet, J. Monteiro de Carvalho, Gratuliano Brito, Bob Winans e muitas outras que deixo de anotar. A «Canadá» ofereceu à Sociedade uma tarde de luxo, elegância e voltou a confirmar velho ditado que diz: «O único fator permanente na Moda é o bom gôsto».



A NATUREZA e MAGGY ROUFF criaram estas duas belezas que são Vânia e o ensemble que ela veste.



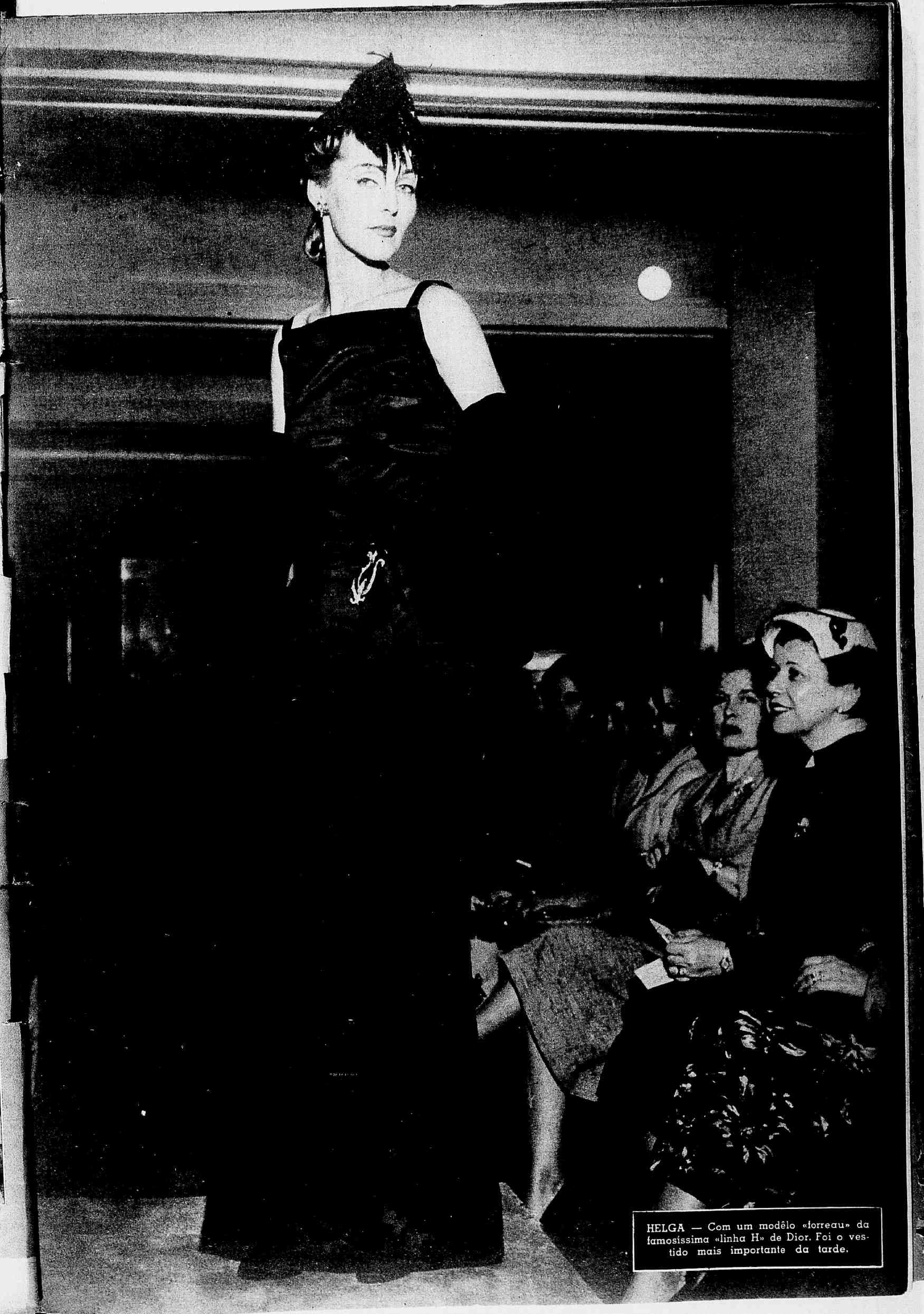
HELGA — «Moulin Rouge» de Dior



NICOLE — Modêlo de Givenchy.



VANIA — «Variação» de Jacques Fath.



HELGA — Com um modêlo «lorreau» da famosíssima «linha H» de Dior. Foi o vestido mais importante da tarde.



HELGA emprestou sua leveza a êste modêlo da linha «H», de Dior.



ROSEMARIE, a nova aquisição da «Canadá», com um costume de Griffe.



NICOLE, apresenta êste originalíssimo costume de Madeleine de Rauch.



MAUREEN, a elegante, desfila um bonito costume de Madeleine de Rauch.



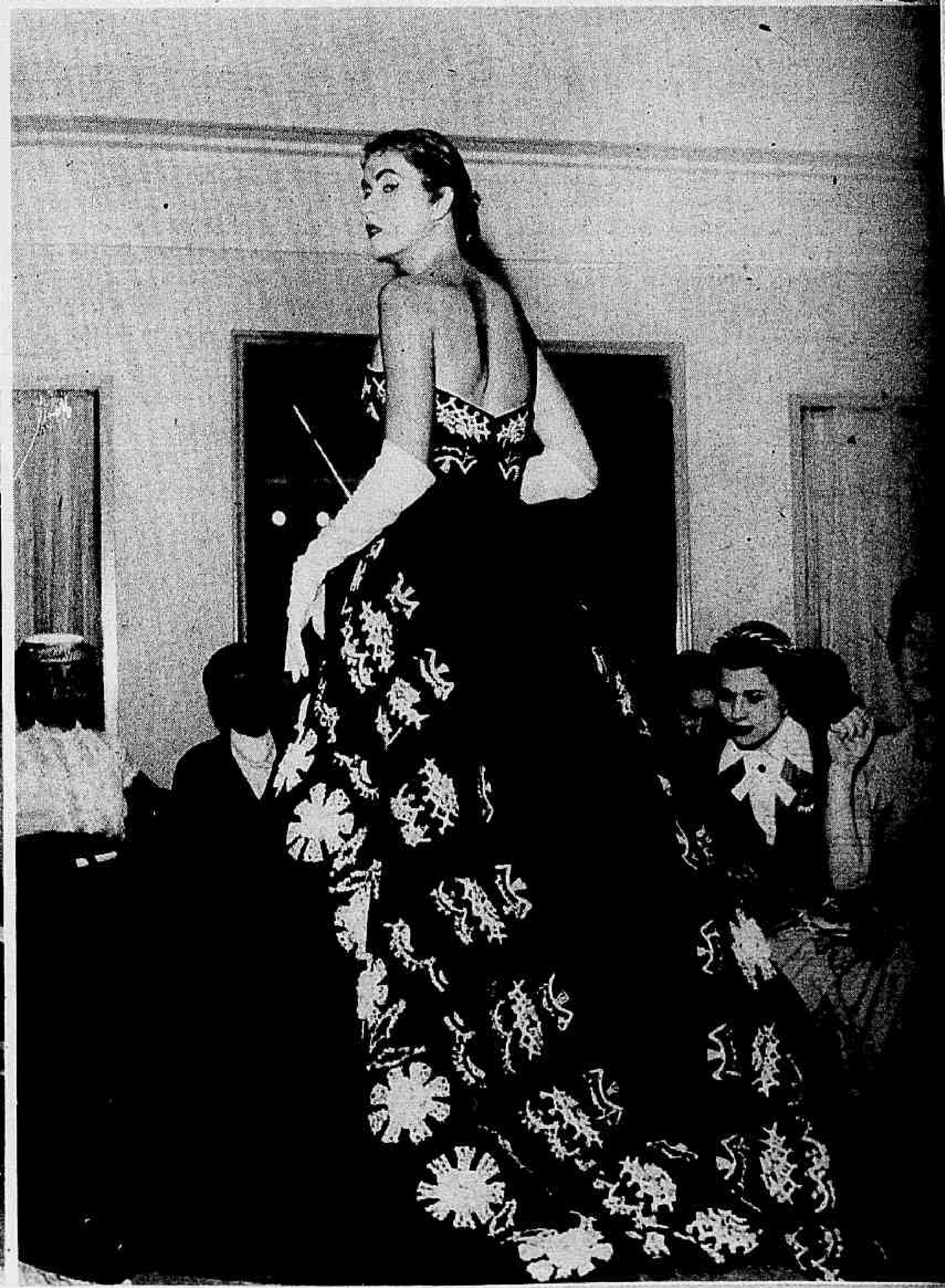
VÂNIA apresentou com sucesso êste costume de fivelas de Jacques Fath.



NICOLE, encantadora como sempre, fêz desfilar esta criação de Griffe.



ELGA, com graça e distinção, exibe um modêlo de Lucille Manguin.



VÂNIA, novamente empresta sua elegância a êste «soirée» de Manguin.



ÚLTIMO FLASH

ATÉ NAS CÉDULAS SE ENCONTRA...

● A razão estava com o poeta. E a esta hora, cismarentos, abatidos,
uns; eufóricos e vitoriosos outros — todos os candidatos reconhecem a
suprema verdade. Também nas cédulas se encontra a diferença da sor-
te: umas enfeitam a vitória, outras traduzem a morte, pelo menos o co-
lapso político de tantos sonhadores. Perderam-se as ilusões mas ganhou-
se experiência, e da vez próxima, há que controlar prudentemente as
contas da tipografia... Fôssemos um país de estatísticas mais precisas

e saberíamos quantas toneladas de precioso papel se desperdiçaram
na grande jornada. Papel que tanta falta faz e que tão caro custa. Vejam
êste último flash: cédulas abandonadas na calçada, cobrindo os arabescos
graciosos da Avenida, cédulas perdidas. E contrastando, as que enche-
ram os sacos da junta apuradora no Maracanã, para a contagem final.
Umas jogadas ao léu, outras vaidosas, guardadas a arma embalada. O
destino das cédulas faz lembrar o dos homens que as mandaram imprimir.



Era um escritor "best-seller": vendia-se muito mais que seus livros

COMO UM MOTORISTA (ACOMPANHADO) DIRIGE O SEU CARRO NO RIO

10 kms. — Quando está conquistando.

20 kms. — Quando a pequena entra no carro.

30 kms. — Quando sai do «rush».

40 kms. — Quando começa a passear.

20 kms. — Quando começa a namorar.

90 kms. — Quando entra na mão única.

5 kms. — Quando passa pelo Flamengo.

120 kms. — Quando passa pelo túnel.

3 kms. — Quando passa pela Avenida Atlântica.

0 kms. — Quando chega à Barra da Tijuca.

160 kms. — Quando leva a pequena para casa.

Isto é o que se chama lógica feminina: aquela mulher achava que ficava mais moça se fizesse aniversário de 10 em 10 meses porque assim cada ano ficava menor.

PONTOS DE VISTA



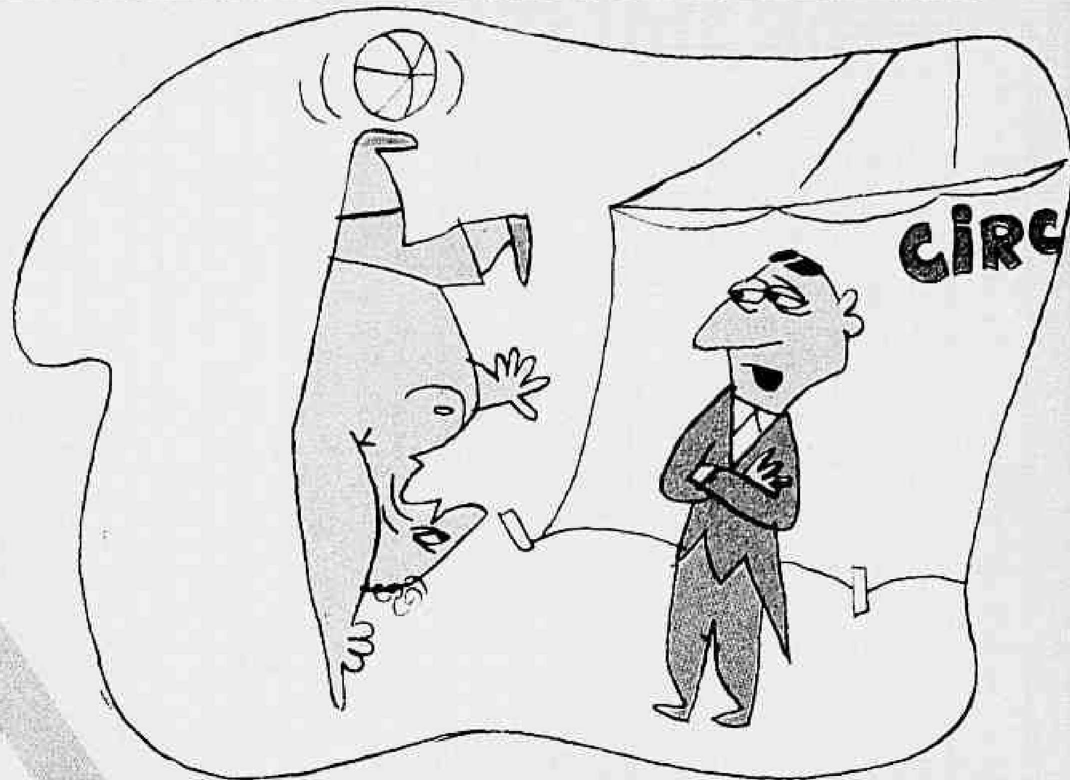
CAMELÔ é um susto cercado de curiosidade por todos os lados.

MERGULHADOR é êsse sujeito que se atira com a coragem dentro da piscina e deixa a tremedeira no trampolim.

PENTEADO é êsse arranjo que a mulher faz para mudar o aspecto da cabeça e acaba mudando até os pensamentos.

NÃO COMPREENDO...

... porque sempre achamos que tem batata demais no nosso prato, mas quando tiramos uma a uma do prato do vizinho sempre achamos que acabou depressa.

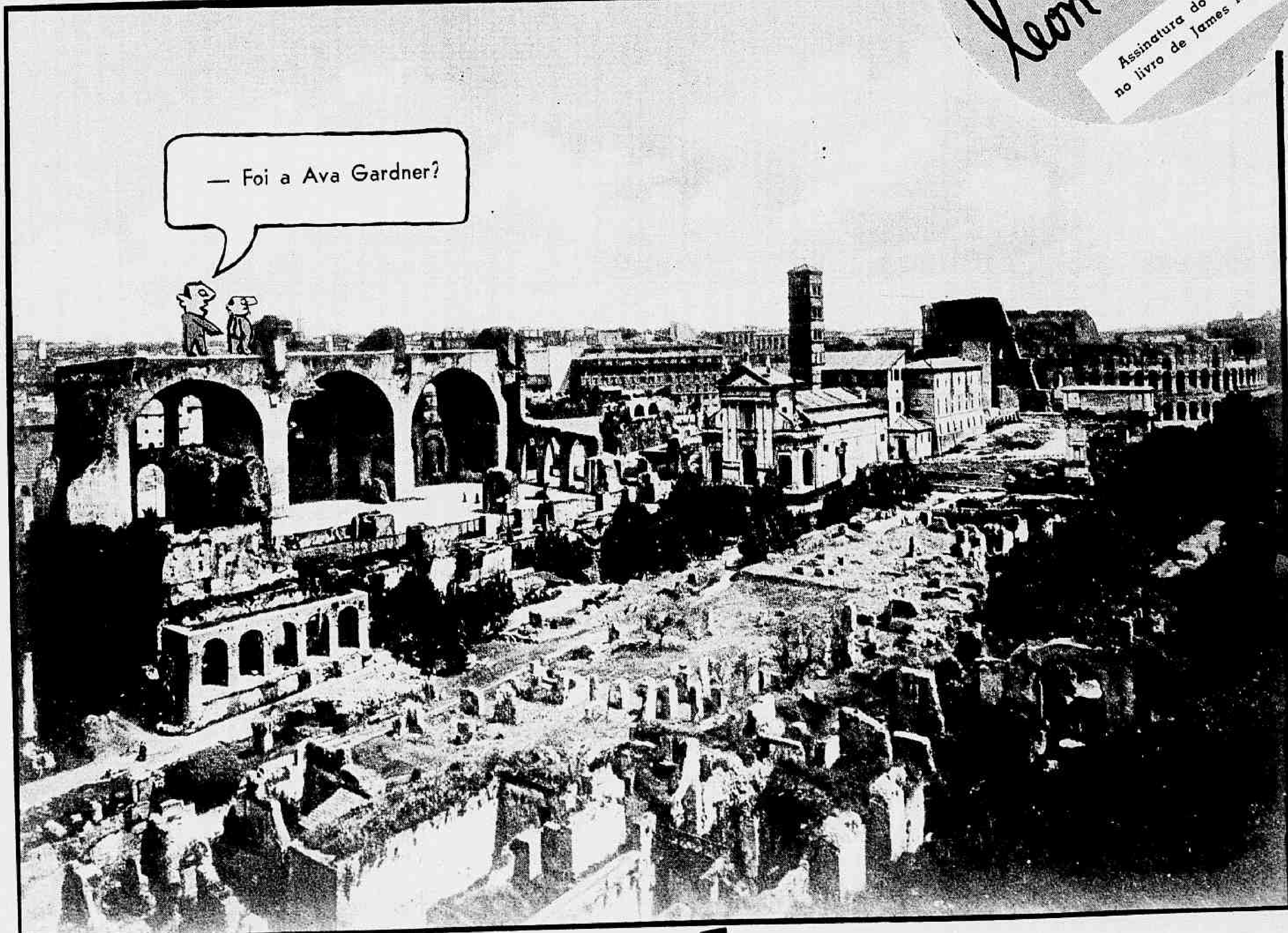


— Precisa de um acrobata?
— Que é que o senhor sabe fazer?

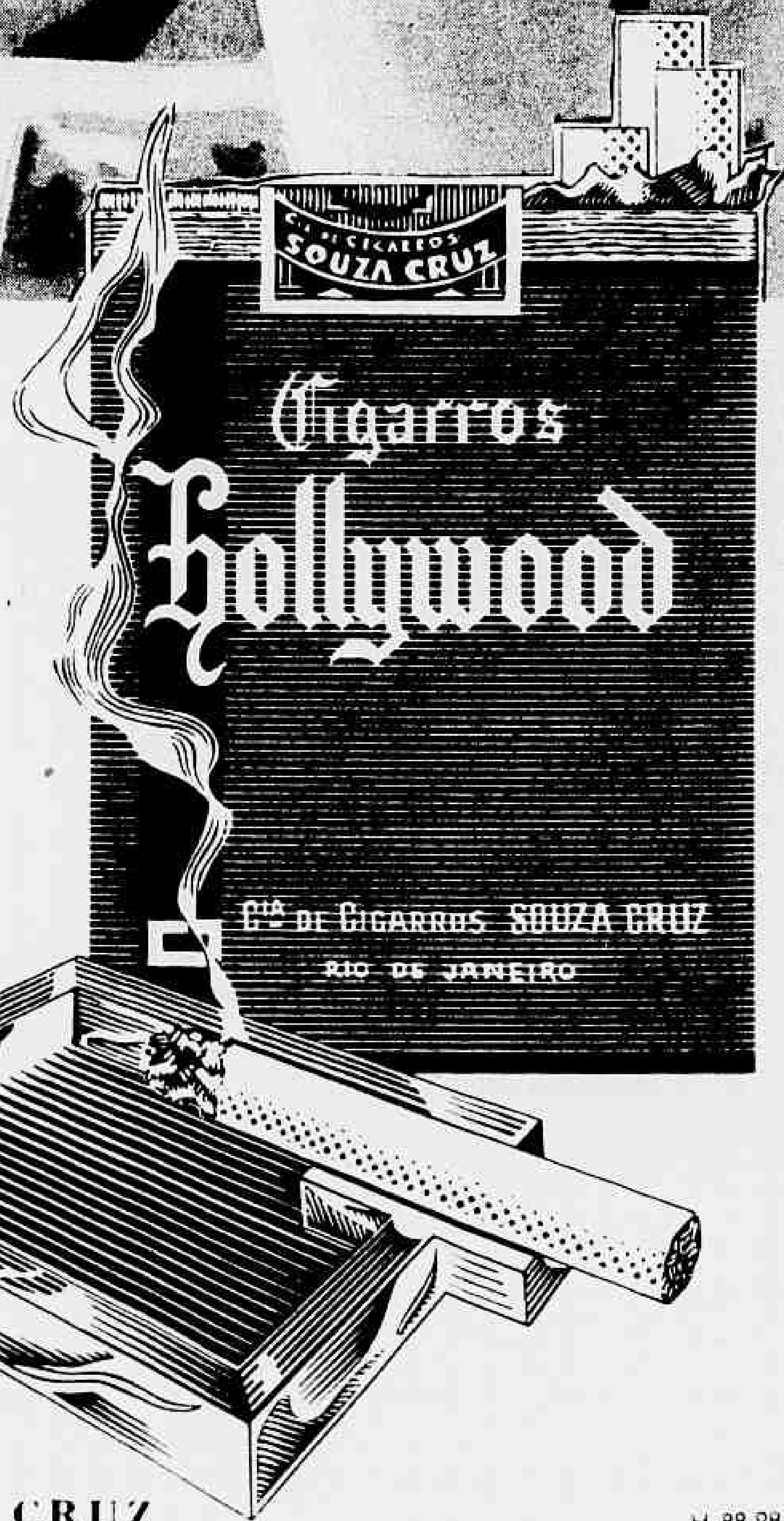
Ilustrado por PIQUI



QUANDO ENTROU PARA A NOVA FIRMA GARANTIRAM-LHE UM FUTURO PROMISSOR. HOJE ESTÁ COM UM FUTURO PROMISSÓRIA.







– Tem razão...
estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H.88 287